



Os defensores da saude publica

recommendam
para toda e
qualquer dôr a



Aspirina

preparado da CASA BAYER, famoso em
todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de
saude normal.

***En toda a parte os medicos receltam-n'a,
porque ella é, além de efficaz, absoluta-
mente inoffensiva.***

A CAFLASPIRINA é recommendada contra dores de
cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e
rheumaticas, resfriados, consequencias de noites
passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.



EDIÇÕES

PIMENTA DE MELLO & C.

TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUÇÃO A' SOCIOLOGIA GERAL, 1ª premiação da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, broch. 163, enc.	20\$000
TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leão da Cunha, Cathedrático de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 353, enc.	40\$000
TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Filho, Cathedrático de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1ª e 2ª tomo do 1º vol., broch. 253 cada tomo; enc., cada tomo	30\$000
THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1ª e 2ª volumes, 1º vol. broch. 30\$000, enc. 253; 2º vol. broch. 253, enc.	30\$000
CURSO DE SIDERURGIA pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 203, enc.	25\$000
FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Código Civil), broch. 25\$000, enc.	30\$000
IDEAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16\$000, enc.	20\$000
TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch., enc.	25\$000
MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 203, enc.	25\$000
TRATADO-COMMENTARIO DO CODIGO CIVIL BRASILEIRO, SUCCESSAO TESTAMENTARIA, pelo Dr. Pontes de Miranda, broch. 25\$000; enc.	30\$000

LITTERATURA:

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury de Medeiros (Dr.), broch.	6\$000
ANEL DAS MARAVILHAS, contos para crianças, texto e figuras de João do Norte (da Academia Brasileira), broch.	2\$000
COCAINA, novella de Alvaro Moreyra, broch.	4\$000
PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort, broch.	5\$000
BOTÕES DOURADOS, chronica sobre a vida íntima da Marinha Brasileira, de Gastão Penalba, broch.	5\$000
LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro, broch.	5\$000
ALMA BARBARA, contos gaúchos, de Alcides Mays, broch.	5\$000
PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu, broch.	3\$000
CADERNO DE CONSTRUÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva, broch.	2\$500
CHIMICA GERAL, Noções, obra indicada no Collegio Pedro II, de Padre Leonel da Franca S. J., 2ª edição, cart.	4\$000
UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.), broch.	15\$000
LIÇÕES CIVICAS, de Heltor Pereira, 2ª edição, cart.	5\$000
COMO ESCOLHER UMA BOA ESPOSA, de Renato Kehi (Dr.), broch.	4\$000
HUMORISMOS INNOCENTES, de Arelmor, broch.	5\$000
TODA A AMERICA, versos de Ronald de Carvalho, broch.	3\$000
QUESTÕES PRATICAS DE ARITHMETICA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré, broch.	10\$000
FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, por A. Santos Moreira (Dr.), 4ª edição, enc.	20\$000
CHOROGRAPHIA DO BRASIL, para o curso primario, pelo prof. Clodomiro Vasconcellos (Dr.), cart.	10\$000
THEATRO DO "O TICO-TICO" — canções, farsas, monologos, duettos, etc., para crianças, por Eustorgio Wanderley	6\$000

O ORÇAMENTO — por Agenor de Roure, broch.	18\$000
OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, broch.	18\$000
DESDOBRAMENTO — Chronica de Maria Eugenia Celso, broch.	5\$000
CIRCO, de Alvaro Moreyra, broch.	6\$000
CANTO DA MINHA TERRA, 2ª edição, O. Marlianno	10\$000
ALMAS QUE SOFFREM, E. Bastos, broch.	6\$000
A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, A. Moreyra, broch.	5\$000
CARTILHA, prof. Clodomiro Vasconcellos	1\$500
PROBLEMAS DE DIREITO PENAL, Evaristo de Moraes, broch. 163, enc.	20\$000
PROBLEMAS E FORMULARIO DE GEOMETRIA, prof. Cecil Thiré & Mello e Souza	6\$000
ADÃO, EVA, de Alvaro Moreyra, broch.	5\$000
GRAMMATICA LATINA, Padre Augusto Magne S. J., 2ª edição	16\$000
PRIMEIRAS NOÇÕES DE LATIM, de Padre Augusto Magne S. J., cart. no prelo.	
HISTORIA DA PHILOSOPHIA, de Padre Leonel da Franca S. J., 3ª edição, enc.	12\$000
CURSO DE LINGUA GREGA, Morphologia, de Padre Augusto Magne S. J., cart.	10\$000
GRAMMATICA DA LINGUA HESPAÑHOLA, obra adoptada no Collegio Pedro II, de Antenor Nascente, professor da cadeira do mesmo collegio, 2ª edição, broch.	7\$000
VOCABULARIO MILITAR, Candido Borges Castello Branco (Cel.), cart.	2\$000
CHIMICA ELEMENTAR, problemas praticos e noções geraes, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira, vol. 1º, cart.	4\$000
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caderno 2º, broch.	2\$500
PROBLEMAS PRATICOS DE PHYSICA ELEMENTAR, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caderno 3º, broch.	2\$500
LABORATORIO DE CHIMICA, pelo professor C. A. Barbosa de Oliveira — 3 caixas, cada	90\$000
CAIXAS COM APPARELHOS PARA O ENSINO DE GEOMETRIA, pelo professor Heltor Lyra da Silva, caixa 1 e caixa 2, cada	25\$000
PRIMEIROS PASSOS NA ALGEBRA, pelo Professor Othello de Souza Reis, cart.	3\$000
GEOMETRIA, observações e experiencias, livro pratico, pelo professor Heltor Lyra da Silva, cart.	1\$000
ACCIDENTES NO TRABALHO, pelo Dr. Andrade Bezerra, brochura	1\$500
ESPERANÇA — Poema didactico da Geographia e Historia do Brasil pelo Prof. Lindolpho Xavier (Dr.), broch.	8\$000
PROPEDEUTICA OBSTRETICA, por Arnaldo de Moraes (Dr.), 2ª edição, broch. 253, enc.	20\$000
EXERCICIOS DE ALGEBRA, pelo Prof. Cecil Thiré, broch.	6\$000
PRIMEIRA SELECTA DE PROSA E POESIA LATINA, pelo Padre Augusto Magne S. J., broch.	12\$000
EVOLUÇÃO DA ESCRITA MERCANTIL, de João de Miranda Valverde, preço	15\$000
SA MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes	10\$000
ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em versos e de moral e civismo illustradas com photographias de crianças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas, cart.	6\$000
BIBLIA DA SAUDE, enc.	16\$000
MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch.	5\$000
EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch.	5\$000
A FADA HYGIA, enc.	4\$000
COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc.	5\$000
FORMULARIO DA BELLEZA, enc.	14\$000

Uma outra voz encarregou a Falconet de propor à corte da Rússia a aquisição de um lote de preciosos livros, dos quais Lauragereis se desfazia. No leilão de Gaignat, adquiriu um Murillo, tres Gérard Dow, um Van Loo. Enfim, em 1770, deu um golpe de mestre comprando em nome da imperatriz a galeria Crozat.

Nesse anno fallece a Louis-Antoine-Crozat, barão de ruiers, deixando tres tuhas que desejavam se destazer da magnifica galeria de seu pae, intencionalmente a época, era mal ouvida para uma venda publica. A crise financeira provocada pelas reformas do abade Ferri, havia levado muita gente a pobreza.

Apellando para a intelligencia de um de seus amigos, Francis Tronchin, que nesse negocio desempenhou um papel muito desinteressado, expediu os quadros. "Mão grada seus sessenta e sete annos, o conde Maurics Tourneau, François Tronchin não hesitou a afrontar as fadigas de uma viagem a Paris, afim de corresponder ao lisonjeiro appello que faziam ao seu saber, e tambem, para ter o prazer de examinar de perto, essa collecção justamente celebre".

Elle reviu peça por peça e com a competencia de um pratico, redigiu um catalogo, após ter avallado o seu valor total em 460.000 libras.

Em oito de Outubro, os herdeiros de Crozat estavam de accordo com o valor tirado por Tronchin, e em 4 de Janeiro a venda definitiva foi assignada perante um tabelião.

Apurada e requada, essa magnifica collecção forneceu ao Museu "Hermitage, de Petersbourg um nucleo de obras admiraveis: varios Raphael, um Sebastian, um Piombo, dois Vernière, alguns Titian Van Dyck, Rubens, Rembrandt, um Poussin, "Les Fatigues", de Watteau, o "Concert", de Lancret.

Essa maravilhosa collecção escolhida e paga, precisava ser enviada à Rússia. Não foi pequeno o trabalho, e os aborrecimentos porque passou Diderot. Sob as suas vistas fez arrumar e fechar dezasete caixas que, em consequencia da coiza do Sena, ficaram tres mezes entre "céo e agua" antes de serem enviadas a Rouen. Enfim, o philosopho soube com verdadeira satisfação que tudo chegara em perfeito estado.

Betzki, que avisou Tronchin dessa feliz chegada, enviou-lhe em nome da soberana os agradecimentos, e uma pelle de "martre zibeline", propria para a confecção de um casaco.

Havendo triumphado uma vez, Diderot achou acertado triumphar uma segunda e uma terceira. Assim, adquiriu para a Imperatriz no leilão Choiseul: uma "Chasseau", de Vouwermans, á razão de 108.000; dois Murillo, um Terniers, um Rembrandt e um Rubens.

Comprou por um pedaço de pão, a um jogador arruinado, o marquez de Confians, dois quadros de Poussin, um pouco gastos pelo tempo, o qual fez reparar e expedir para a Rússia. Bateu á todas as portas, apoderou-se de todos os objectos de arte, recolheu todos os quadros e todas as estatuas que encontrou. "Nós (os francezes) somos espertos como os ratos de igreja, escreveu elle á imperatriz. Vendemos nossos diamantes, e despojamos nossas galerias para reparar as devastações do "controleur" geral".

Para todos...

Revista semanal, propriedade

da Sociedade Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra

e J. Carlos. Director-gerente

Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno,

48\$000; 6 mezes, 25\$000. Es-

trangeiro - 1 anno, 85\$000; 6

mezes, 45\$000. As assignaturas

começam sempre no dia 1 do

mez em que forem tomadas e

serão acceitas annual ou semes-

tralmente. "Para todos..." ap-

parece aos sabbados e publica,

todos os annos, pelo Natal, uma

edição extraordinaria.

Diderot e Catharine II

(CONTINUAÇÃO)

E continúa a encaixotar e a enviar á Rússia tudo que de raro e bello lhe cêe nas mãos.

Afinal, a opinião publica se commove, os ministros se inquietam do exodo de tantos quadros e objectos de arte. Diderot dá de hombros e chama de "imbecies" a esses retardatarios do espirito publico.

Entretanto, apesar de seu zelo, todas as provas de devotamento que Diderot acabava de dar á Catharina II, não eram em summa, como muito bem diz o Sr. Ducros, que provas indirectas.

Alguns dias iria elle agradecer á sua bemfeitora.

Em Junho de 1767, em uma carta dirigida a Falconet, fazia a promessa solemne de ir ajoelhar-se aos pés de sua protectora.

O tempo passava, e Diderot não falava mais em viagem á Rússia.

Na verdade, o philosopho não ficaria zangado se tivessem esquecido a palavra imprudente que deixara escapar em um desses momentos de effusão sentimental que lhe eram tão habituaes.

Por natureza, o autor do "Pae de familia" era preguiçoso. Gostava de viver tranquillamente na rua Taranne uma vida tranquilla, entre a familia e os amigos admiradores, e as bellas admiradoras dos salões de Paris. Não gostava de viajar e comparava um viajante a um homem que sente prazer em ir da — adega ás aguas-furtadas,

das aguas-furtadas á adega. — E naturalmente chamava com todas as suas forças os pretextos que pudessem retardar, ou mesmo tornar impossivel sua partida para a Rússia.

Falava mesmo da saude de sua esposa, que era enferma e "sexagenaria", escreve elle, de sua filha, de seus inimigos "que haviam jurado enviar-o ao Fer-l'Eveque" e perante as quaes não desejava parecer que se afastava sob pretexto de uma viagem. E faz mais, inventa grandes trabalhos que o impediam de fugir através "les etepes".

Desenvolve o plano de um fantastico Dicionario da lingua, que apparecia em francez, em latim e em russo, graças ao qual, os philosophos conseguiriam emfim impor as suas ideas a Europa inteira. Tudo não descumpria que a imaginação de Diderot pouco a pouco inventa, desviado pela idea de uma viagem de oitocentas leguas em um paiz cuja lingua ignora, por caminhos impossiveis e detestaveis meios de transportes.

Enfim, em 1768, ell-o doente e aconselhado pelos medicos ao regimen lacteo, desta vez consegue serio pretexto para ficar em Paris.

Mas a imperatriz Catharina é tenaz como o seu bibliothecario. Ella o persegue, supplica e atormenta com suas curias, tanto e tao bem, que afinal Diderot resolve-se a partir.

Em Paris todos se commovem e mal-dizem "a fantasia dos grandes", deplo-ram sua partida, e nos circulos que elle frequenta lamentam nao mais ouvirem a sua voz viorante e entusiasta, nao mais assistirem ao bello reterir de ideas que elle fazia perceber.

A corte tambem se commove, porém, por outro motivo, pouco taitaneo para o rei impedir a partida do philosopho.

Uma tarde, em casa de Mme. du Barry, Louis XV ouve talar desse projecto. "Que vae Diderot fazer lá tão longe? disse elle. Não o creio tão rico para emprender semelhante viagem. — Ede nao vae á sua custa, responde o principe de Soubise, é Sua Magestade a imperatriz quem faz as despezas. — Que deseja delle a imperatriz? Não me haveis falado sobre esse assumpto, Sr. d'Aiguillon. — Sim, nao vejo nada de diplomatico nessa viagem".

Louis XV, contrariado, continda: "Diderot dirá mil horrores de minha vida privada, falará mal de mim apenas descubra que terão prazer em ouvi-lo".

Immediatamente propuzeram mandar uma carta de segredo, mas o rei não accelta: "Ficaria malquistado para com a Imperatriz. Ella me votará odio de morte; disse elle. A Imperatriz deseja Diderot. Pois bem, que parta. Essas soberanas estrangeiras têm a mania de tomarem da França os nossos homens de letras.

Que vá á Rússia, mas enquanto eu viver, elle não entrará para a Academia. Não quero mais saber dos philosophos, dos atheus, já temos muitos!"

Finalmente, em 21 de Maio, Diderot consegue partir. Apesar de sua pouca experiencia em viagens, partiu só.

Em Bruxellas uniu-se a um commerciante de vinhos hollandezes, chamado Van Keulen, que se incumbiu de reger as despezas dos dois até o fim da viagem.

Em Haya, Diderot é admiravelmente acolhido no palacio dos principes de Galitzin, que o recebeu "como um bom irmão e uma boa irmã".

Do que foi a vida ali, nos diz Mlle. Volland, nos seguintes termos:

"Os passelos são encantadores, e não sei se as mulheres são muito prudentes, porém, com seus grandes fichos enrolados ao pescoço, têm o ar de quem vai para o confessionário.

Os homens têm juízo, compreendem muito bem os seus deveres e estão compenetrados do espirito republicano...

"A princeza (Galitzin) é muito viva, alegre, espirituosa, de aspecto bastante agradável; joven, instruída, intelligente, leu muito, sabe diversas linguas, (como é uso na Allemanha), toca o cavién e canta como um anjo. Na conversação emprega phrases picarescas e ingenuas... É duma extrema sensibilidade, demais talvez para a sua felicidade — como possui conhecimentos e justiça, discute como um pequeno leão.

Amo-a loucamente...

É aqui que se emprega bem o tempo. Não ha importuno para vos fazer perder toda uma manhã; ha apenas um senão — levantam-se e deitam-se muito tarde — nossa vida aqui é sobria e retrahida.

"...quasi não saio, e quando o faço, é para ir até á beira do mar que ainda não vi nem calmo, nem agitado; a intermina planície, convida ao sonho, e... é ali onde sonho melhor...

Entretanto, era preciso deixar esse agradável lugar, onde elle acabava na mais perfeita paz, "Jacques o Fatalista", o "Nereu de Rameau", a "Réputation d'Helvetius", para retomar o curso de sua viagem.

Põe-se a caminho em 17 de Agosto de 1773, em companhia de Narischkine: "Cruel homem!" escreve Grimm a Nesselrode, deixa passar a bella estação, e considera a viagem a Pétersbourg como um passeio da rua Taranne á rua Salute-Anne".

O trajecto foi dos mais penosos. Passaram por Dresden ao em vez de Berlim. Com grande descontentamento de Grimm e Frédéric. Em Dinsbourg, Diderot adoecce, e foi tratado pelo celebre medico Leidenfrost. Chegam a Petersbourg em 10 de Outubro. Uma profunda decepção esperava-o. Os laços de amizade que o prendiam a Falconet lhe pareciam bastante fortes para elle lhe offerecer hospitalidade. Na verdade, Diderot jámais pensou hospedar-se em outro lugar que não fosse a casa do escultor.

"Meu pae, diz Mme. de Vandeuil, queria ficar em casa de Falconet, pois elle chegou com violentas colicas, provocadas pela mudança das aguas e do clima. Falconet recebeu-o friamente, dizendo "que sentia-se muito pesaroso por não poder hospedar-o, pois seu filho, chegado ha poucos dias, occupava o leito destinado ao philosopho".

Meu pae não podendo resolver-se a procurar um albergue em um paiz do qual desconhecia os habitos, escreveu ao principe de Narischkine supplicando-lhe hospitalidade. O principe conservou Diderot junto a elle até o momento da partida para França.

A carta que meu pae escreveu sobre a frieza com que o recebeu Falconet, corta o coração. Elle se encontraram diversas vezes, durante a estadia de meu pae a Pétersbourg, mas a alma do philosopho estava para sempre maguada".

Entretanto, outras consolações o esperavam. Logo que chegou a Pétersbourg, Diderot, membro estrangeiro da Academia de Bellas Artes, foi nomea-

Para todos...

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma "O Malho", Travessa do Ouvidor, 21, Rio de Janeiro. Endereço telegraphico O Malho-Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Redacção: 2-1017. Officinas: 8-6247. Succursal em S. Paulo dirigida pelo Sr. Plinio Cavalcanti, rua Senador Feljó, 27, 8º andar, salas 85 e 87.

Alphonse Séché e Jules Bertand

do, ao mesmo tempo que Grimm, membro titular. Emfim, recebeu de Catharina II, magnifico acolhimento.

O palacio de l'Ermitage, onde Catharina recebia os seus intimos, fora construido segundo as suas ordens, em 1766, proximo ao Palais d'Hiver, e teve por architecto o francez Vallin de la Mothe. Era um pequeno palacio no estylo Louis XV, muito delicado, onde terminados os negocios do Estado, a imperatriz gostava de recolher-se na intimidade de seus amigos e familiares... Os dois palacios eram guardados por uma galeria.

Diderot logo que viu a imperatriz, ficou deslumbrado, arrebatado: "Sim! a vi, a ouvi, e vos juro que ella não sabe tudo o bem que me fez. Que soberana! Que mulher admiravel!"

A proposito dos habitos de Catharina, Sabathier de Crobes escreve:

"Catharina está longe dos excessos de que a accusam. Murmura-se que ella se deixou levar por certas fraquezas, nada, porém, ficou provado, além dos tres compromissos, aliás, muito conhecidos, com M. Soltihov, o rei da Polonia, e o conde Gregoire Orlov. Sua paixão por este ultimo, é sem exemplo, e não pôde ser explicada si não pela tenacidade de suas idéas.

"Primeiramente amou-o com idolatria, e amparando o odio que votaram ao seu favorito, elle ganhava no seu conceito aquillo que o habito podia fazel-o perder no seu coração".

Seu exterior é nobre, grande, affavel, delicado e altivo".

O principe de Ligne ajunta "que ella era alegre e mesmo sincera e simples na conversação".

O facto é que a corte da Russia não devia ser muito severa no protocollo. Diderot atravessando as vastas salas do Palacio de Inverno, viu escripto sobre as paredes esse estranho aviso:

"Assentae-vos se isso vos agrada, sem que seja preciso vos repetir cem vezes. A dona da casa não gosta de cerimonia, que cada um esteja aqui como na sua propria casa".

Essa sem-cerimonia não era o que meior convinha ao philosopho. Assim, elle mesmo apparecia cada dia "o talento da imperatriz em por todo o mundo á vontade". Diderot installou-se "toma a mão da soberana, sacode-lhe o braço e bate na mesa como se estivesse na synagoga da rua Royal.

Catharina sentia muito prazer em conversar com Diderot, achava-o muito interessante, admirava-lhe o espirito uranante e seus vastos conhecimentos.

As conversações com Diderot, nem sempre eram agradaveis, pois elle não ia sem acompanhar as palavras de grandes gestos e de soccos sobre a mesa. Catharina escreveu um dia á Mme. Geoffrin: "Vosso Diderot é um homem com extraordinario, quando terminam as nossas conversas tenho sempre as pernas maguadas e toxas, fui forçada a collocar uma mesa entre nos, para abrigar-me das suas gesticulações".

O philosopho e a imperatriz conversam sobre tudo, literatura, philosophia, politica, Diderot expunha-lhe as suas idéas sobre o governo dos povos. Catharina deixava-o falar, escutando-o com attenção, de modo que o encyclopedista pensava havel-a convencido.

"Diderot é uma cabeça bem extraordinaria, dizia Catharina nas suas cartas a Voltaire, e que não se encontra outra igual". Essa cabeça furiosa, essa imaginação inexgotavel, deveria mais de uma vez impacientar e aborrecer aquella que o principe de Ligne applicou a "imperturbavel"...

"Converso longamente com Diderot, disse Catharina, porém, com mais curiosidade que proveito. Se tivesse seguido os conselhos do philosopho tudo estaria perturbado no meu Imperio, legislação, administração, politica, finanças, tudo teria destruido para substituir por impraticaveis theorias".

Entretanto, como sempre escutava mais do que falava, quem nos visse diria que era um severo professor falando á sua humilde discipula.

Provavelmente, elle tambem pensava assim, pois no fim de algum tempo percebendo que não havia nenhuma mudança no seu governo, não occultou a sua surpresa e o seu descontentamento.

Foi, então, que com toda a franqueza lhe disse: "Sr. Diderot, ouvi com grande prazer tudo que o vosso brilhante espirito vos inspirou, porém, com todas as vossas theorias, as quaes comprehendendo perfeitamente, far-se-iam bons livros e máos negocios. Trabalhaes sobre o papel que tudo supporta, que é unido, seguro, que não oppõe nenhum obstaculo, nem a vossa imaginação, nem á vossa penna, enquanto que eu, pobre imperatriz, trabalho sobre a pelle humana, que é muito mais irritavel e delicada.

Desde então elle me lamenta, considerando-me um espirito estreito e vul-

gar. A política desapareceu das nossas conversas.

Diderot, aos poucos se acostumava em Petersbourg, e à medida que vivia na Corte sua familiaridade para com todos aumentava.

A verdade é, que Diderot assombrava toda a Rússia. Nunca abaixava a voz, sempre gesticulando e andando de um lado para o outro nas salas do palácio, abordava familiarmente todas as pessoas que encontrava, algumas vezes mesmo, sem conhecer, discursava com ellas; e respondia às suas exclamações por uma torrente de palavras; tomando-as pelos botões do casaco, levava-as para o vão de uma janella, e, com o auxilio de epithetos procurava demonstrar onde estava a verdade, e tomava a cada instante a imperatriz por testemunha, gritando e gesticulando e batendo com o pé no chão.

Para elle tudo era motivo de discussão.

Diderot não se contentou de só frequentar a Corte, onde se tornou um dos hospedes mais intimos, frequentava também o theatro, no qual a imperatriz fez representar a sua peça: "O pae de familia", a casa do Dr. Clerc, de Mme. Sophia, e de La Fonte, do



Senhor Harry Kosarin e sua cunhada de passagem pelo Rio de Janeiro.

"E o lazaro, feições deformadas, esmulambado, espicaçado pelo desejo, olhava tristemente para o quintal do vizinho. Que via o misero e o desgraçado ali, que lhe fazia assim vibrar todos os sentidos, se é que ainda os tinha? Que via ali o morphetico? Pobre e horrivel trapo humano, tambem elle, o renegado da vida, o pestilento, o homem que de ninguem se approximava, tambem elle amava! Mas o seu amor não era o amor de candura ou de innocencia, o amor daquelles que se amam mutuamente. Era o amor-desejo, o amor sexual. E um dia, quando mais forte era o seu paroxismo, salta o quintal vizinho..."

INTROITO DE "LAZARO", A TRAGICA NARRATIVA DE EDGAR DE ALENCAR, QUE "O MALHO" PUBLICA EM SEU NUMERO DESTA SEMANA, A VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAES.

príncipe Galitzin e dos Orloff, "que são generosos, francos, e honestos". Apesar do seu ressentimento com o artista, foi ver o modelo da estatua equestre de Pedro I no "atelier" de Falconet.

Mão grado todas essas distrações e prazeres, Diderot aborrecia-se assim tão longe de sua casa, de seu café, dos encyclopedistas e amigos.

Diderot demorou-se sete mezes em Petersburg, o tempo necessario para demonstrar a Catharina o reconhecimento de seu bibliothecario, para com a sua soberana.

Antes de partir, o philosopho pediu a imperatriz um objecto de seu uso. Catharina lhe offereceu um anel com o seu retrato.

Diderot estima essa joia mais que todos os thesouros do mundo, nos diz Mme. de Vendeul.

No dia de sua partida, Diderot chorava copiosamente; Catharina tambem estava muito commovida.

A imperatriz lhe deu como companheiro de viagem um grego muito attentioso que o conduziu até a Hollanda.

Nos primeiros dias de Outubro de 1774, seguiu definitivamente para a França.

Dr. Alexandrino Agra

CIRURGIAO DENTISTA

Participa aos seus amigos e clientes que reabriu o seu consultorio.
RUA S. JOSE, 84 — 3º andar
Telephone 2-1838

Concluiu brilhantemente o curso no Instituto Nacional do Musica, a intelligente e estudiosa senhora Juracy de Faria, alumna da professora Haydée Hall Myll. A distincta laureada é filha do funcionario da Alfandega desta Capital, senhor Fernando Neves de Faria.



A mais luxuosa e a mais completa revista cinematographica.



OS PEQUENOS LORETTI

canconetistas e dansarinos que têm andado por todos os theatros do Brasil, sempre queridos e admirados.

Inscrevei-vos na
CRUZADA PELA EDUCAÇÃO
ENSINANDO A LER
E ESCRIVER A TODOS QUE
COM VOSCO VIVEM E TRABALHAM

CALLOS

CALLOSIDADES E JOANETES



ESQUECIDOS NUM INSTANTE

Um minuto depois de aplicar o emplastro Zino-pads do Dr. Scholl, V. S. se esquecerá de haver sofrido qualquer destes incommodos.

Vende-se em todas as Pharmacias e Sapatarias do Brasil.

PREÇO 3\$500

Peçam amostras e o livrinho "Tratamento e cuidado dos Pés" do Dr. Scholl à

CIA. DR. SCHOLL S.A.
RUA OUVIDOR, 162 RIO DE JANEIRO

Confirmado por um professor

Attesto que, tendo sofrido horrivelmente de grandes dores reumaticas, fiquei completamente curado com o uso do maravilhoso preparado "ELIXIR DE NOGUEIRA", do Pharmaceutico-Chimico João da Silva Silveira.



Recife, 12 de Outubro de 1927.

ANTONIO LISBOA LOPES

Confirmo o attestado supra.

(a.) Prof. Dr. LUIZ DE GÓES.
Recife, 12 de Outubro de 1927.

O GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Vem exhibindo diariamente as maiores provas de suas virtudes curativas!



PÓ DE ARROZ

Miss & Lady

BELLEZA
GRAÇA
PERFUME

"Oriental,"

NÃO HA MELHOR PASTA
PARA DENTES

À VENDA EM TODAS AS CASAS E NAS
Perfumarias
Lopes
RIO - S. PAULO

Magic

VAQUEIJADA

(A J. Carlos)

Passa lentamente o pelotão tristonho
dos grandes bois cinzentos e pacientes.

Vem de longe,

dos largos taboleiros,

das ultimas pastagens

dos longínquos ermos

que a secca ex'cou...

O vaqueiro de couro revestido,
derreado na sella fuma e pensa...

enquanto o luar descobre opalas
nas folhas dos arbustos pela estrada...

Fazem caminhos sob os cascos rudes,
correm os rios, ao lado, doidamente...

Serras e barrancos

suavemente,

inclinam-se à cadencia desse tardo passo.

De imprevisto, porém, penetram a matta,
e o crescente da lua,

de repente,

desce do céu e vem fulgir no escuro,
na ponta de aço desses bois dolentes...

EDGARD BRAGA

POEMETOS

O HOMEM QUE PASSOU — Elle passou mudo e calisbaixo por entre a turba immensa, fêlo e indifferente como uma estatua.

Talvez recordando as amarguras da sua vida inutil de pária e desprezado.

Talvez sonhando um novo mundo, melhor, muito melhor, onde pudesse repousar de sua longa e tenebrosa jornada.

Talvez chamando a dôr profunda dos desgraçados que nunca tivessem um carinho, um affago, uma palavra de amor.

Talvez tantas coisas mais!... Tantas coisas!...

E ao vel-o passar, senti um desejo immenso de abraçá-lo e de lhe dizer: "Dá-me tua mão, amigo, e sigamos juntos..."

QUANDO CHORA O CÉO... — Eu gosto desses dias nublados em que o céu chora sem cessar, molhando a terra com seu lacrimejar monotono e triste.

Desses dias em que o vento canta uma canção que é um lamento melancólico, canção que nos faz recordar um amor que passou e que não volta mais, nunca mais...

Desses dias em que a passada, espavorida, vò de ramo em ramo sem saber onde se esconder.

Eu gosto desses dias porque elles são como a minha alma; esta minha pobre alma sempre ennevoada, sempre tristonha, sempre sombria...

VELHICE: NOITE SEM LUAR... — A tarde agoniza num queixume lugubre, delirando nos braços da noite. Paíra no ar um mal estar immenso, profundo.

Perfumes de flores que se entreabrem lentamente...

O eco de um sino que badalou ha muito tempo...

Uma densa obscuridade envolve o jardim que se põe de mysterio e de sombras movediças.

Da minha janella contemplo os ultimos alentos da tarde e tento, em vão, afastar de minha mente um pensamento que nella baila furiosamente, sem cessar: que tu és como essas tardes lindas, lindas e que, pouco a pouco, também te envolverão as brumas de uma noite sem luar...

(São Paulo)

GINO CORTOPASSI



USAR os antigos suadores de borracha nos vestidos, dehaixo dos braços, é um verdadeiro martyrio nos dias quentes. Mostrar a toilette manchada pelo suor das axillas, é descuido que causa os maiores reparos na sociedade, mesmo porque, da pessoa que assim se mostra, desprende-se logo, indo ferir a delicadeza do olfato dos demais, um máo cheiro que não ha perfume que disfarce. Que fazer, então? Usar MAGIC, que é um remedio que mereceu a approvação dos illustres professores Couto, Austregesilo, Aloysio de Castro, Werneck, Terra e outros. MAGIC não faz mal á saúde, não causa o menor damno á pelle evita que as senhoras não se vexem em sociedade, e tornam os vestidos mais duraveis.

A' venda em todas as perfumarias, drogarias e pharmacias.

Pedidos a Araujo Freitas & C.—Rua dos Ourives, 88—Rio.

NOVIDADES PARA 1930

FIGURINOS

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a cores.

Chic Parisienne — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apesar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 4 moldes para senhoras e 1 para criança.

Revue des Modes — Figurinos de pequeno formato, com varias paginas a cores, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldons L. Journal — Com moldes cortados dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode — Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — Revue Parisienne — Grandes Revue de Modes — Tout La Mode, creation Gaston Drouet, com lindos modelos. — Album Prati-

que de La Mode — La Mode de Eté — La Parisienne — Les Patrons Favaris — Juno — Astra — Juno Esplendid — Fashion Quartely — Butterick Quartely — Weldons Catalogo Fashion — L'Elegance Feminine, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CRIANÇAS

Weldons Children's, com moldes cortados. — **Paris Enfant** — Les enfants de La Femme Chic — Enfant Juno — Jeunesse Parisienne — La Mode Infantile — Enfants de Jardins des Modes — Star Enfant, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — **Lingerie Elegant** — **Lingerie de Juno** — **Lingerie de La Femme Chic**, etc.

Nossos amáveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuímos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel enumerar-los todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Aluns para filet, tricot, crochet. Modelos des Ouvrages, etc. Apesar do grande aumento sofrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrés, Un jardin sur L'oront; Ernesto Perochon, Les Creux de maisons; Georges Sim,

La Femme qui Tue; Maurice Barrés, Mes cahiers; Alexandre David, Noel — Mystiques et Magiciens du Tibet; Octave Honberg, L'Ecole des colonies; etc. Collection La Liscuse, temos todas as obras publicadas.

HESPAHOLA — V. Stefansson, Un año entre esquimales; Antonio Espina, Luiz Candelas, el bandido de Madrid; Pierre Loti, Pekin; Juan Zorilla, Los principes de la literatura, La mode Siglos XIX-XX; Martins Guzman, La sombra del candilo; Gerhard Rohefs, Através del Sahara; etc., etc.

PORTUGUEZA — Orlando Rego, Manual do Charadista; Britto Pereira, Contabilidade de conta corrente; Alice Leonardos S. Lima, Ouvindo Estrellas; Malba Tahan, Lendas do Deserto; Ardel, Coração de Sceptico; Claudio de Souza, De Paris ao Oriente; Peregrino Junior, Pussanga; G. Acremente, Serracena; Jugurtha C. Branco, O Brasil em Cuecas; Cervantes, D. Quixote de la Mancha, obra de grande vulto, com illustrações de Doré. Publicados 1º e 2º fasciculos. Historia da Literatura Portuguesa, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampalo. Publicado o 1º volume.

A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA

RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone 3-5018 Rio de Janeiro



Instantaneo no cães do porto, quando sahia um transatlantico

PETROPOLIS



D o m i n g o
d e
m a n h ã
d e p o i s
d a
m i s s a



O ritmo da cidade em movimento

PARA TODOS...

MA chuva quente de ouro cãe na terra o dia inteiro. Na terra de Sol da America.

No calor do dia tropical as energias acordam, realizadoras...

A cidade dinamica avança pro céu. Os homens multiplicam-se. As machinas resfolegam. Os peitoraes negros envernizam-se de suor.

E' a vida da cidade maravilhosa que se desdobra vibrante pro progresso que vem ahi...

Os elevadores sobem e descem, descem e sobem, levando gente e mais gente.

— Toca pro decimo quinto!

— Pro vigesimo!

Lá dentro as salas e as bancas, as mulheres e os homens suando e trabalhando.

Dinamismo de gente nova que quer mostrar pro mundo que America é America...

O dia todo é agitação. Correria pro trabalho. Lufa-lufa. Até que as luzes fulminam o asfalto negro e a agitação vae morrendo.

Omnibus, autos e bondes carregam a cidade extenuada.

Os arranha-céos despejam aos borbotões golfadas de gente.

Pressa.

Cansaço.

Exgottamento.

Fome.

E o movimento se dilúe na serenidade da noite cheia de estrelas... Os homens descansam. As maquinas pararam. Os negros tambem pararam...

Na cidade ziguezagueiam os clãrões vermelhos, azues, roxos, verdes dos annuncios luminosos.

A tristeza enche os cabarés. Champanhe. Tangos e mulheres tristes. Um parentesis feio na beleza da noite que começa...

Nos bairros distantes, onde não ha annuncios luminosos quebrando a harmonia do céu bonito, a lua é o Sol que se escondeu pra não estragar a alegria dos namorados...

A gente que ama enche as calçadas, enche os portões, aos pares.

Risadas. Beijos. Os beijos gostosos que queimam os ouvidos do jovem-passa-sozinho...

Conversas ingenuas andam na noite clara.

— E você gosta de mim?...

— Gosto...

— Não acredito. De mais ninguém?...

— Só de você, bemzinho...

Coisas ridiculas e lindas assim...

E a vida que segue...

Somno.

As calçadas ficam desertas, os portões se fecham, e já não ha rumores de beijos na noite clara...

P o r
D a n t e
C o s t a





Agora é assim nos studios durante a filmagem.



Girls aprendendo a cantar para os films sonoros.

HOUVE uma verdadeira revolução na industria cinematographica americana: o film falado substituiu, por completo, o film mudo. Em Hollywood trabalha-se dia e noite para produzir *talkies*. Todos os studios foram modificados de accordo com os films falados, com uma unica excepção: o de Charles Chaplin. Chaplin é o unico adepto da arte muda. Recusa-se a admittir o film sonoro, reclamado por todo o publico americano e, pelo menos por enquanto, vinga-se não produzindo nada.

Essa voga dos films sonoros será passageira ou duradoura? O que é certo é que, tão grandes capitães foram empregados na recente transformação que será um desastre financeiro se não houver tempo de os amortizar. O visitante que, depois de um ou dois annos de ausencia, volta a Hollywood tem uma curiosa impressão diante da mudança operada.

As mais importantes firmas cinematographicas americanas são, hoje em dia, propriedade ou vivem sob o controle de grandes companhias electricas. Essas não se interessam pelo Cinema nem pela arte. Consideram-no como qualquer outra industria; é como si se tratasse da fabricação de cabos electricos, deapparehos frigorificos ou de vibradores para massagem.

O film não é para ellas sinão um objecto como outro qualquer, para ser manufacturado nas melhores condições possiveis, visando o beneficio commercial. Ora, não ha beneficios a esperar do film sonoro nos Estados Unidos. Ha vinte e cinco annos o publico pagava para ver na tela as imagens animadas, sem se importar com a qualidade dellas. Agora, o publico exige que a tela fale e cante, sem dar attenção ás censuras que Carlitos e alguns criticos cinematographicos fazem ao film falado,



Norma Talmadge deante do microphone

A Conquista Hollywood Pelo Film Falado

ao qual accusam de destruir a verdadeira arte do Cinema.

Novas figuras appareceram em Hollywood. Os technicos da industria electrica são, na maior parte, moços ha pouco sahidos das universidades e dos laboratorios e que, ainda não tinham posto o pé num *studio*. De um dia para o outro tornaram-se chefes e tudo deve dobrar-se diante da autoridade delles. Essa intromissão não se deu sem choques. O antigo pessoal, com os seus habitos e as suas tradições, os velhos cavallos de rodeio do Cinema, empregaram toda a má vontade em auxiliar os novos cuja efficiencia contestavam. Mas os actuaes directores dos studios ameaçaram dispensar homens e mulheres *metteurs en scène* ou estrellas dos de maior fama, si se mettessem a atrapalhar os jovens engenheiros electricos.

O aspecto dos studios tambem mudou por

completo. Uma disciplina meticulosa e absoluta substituiu a alegre camaradagem de outrora. Passaram a ser o templo de um novo deus: o silencio. Nelles vive proscripto de forma impiedosa irreconciliavel inimigo do registro sonoro: o barulho que não é mais permitido de nenhum modo. As paredes estão calafetadas, os assoalhos estão calafetados, todas as portas estão com um espesso alchoamento. Quando se ascende a lampada vermelha que annuncia a todos que vai ser filmada uma scena falada, um guarda de sandalias de feltro tranca e põe cadeado em todas as portas de entrada; nem mesmo um *ukase* do tsar do Cinema americano, Will Hays, poderá mandar abri-las. Nenhum visitante estrangeiro é admittido. Tudo tomou um ar de mysterio e de segredo. *Metteurs en scène*, actores, operadores, machinistas, operarios, conservam-se parados, não ousando sequer trocar uma palavra e prendendo uma tosse desastrada ou um espirro, que não deixariam de ser apanhados pelo microphone.

Acabaram-se os ventiladores que renovavam o ar e as orquestras que distraiam e estimulavam o trabalho. Sacrificaram um milhão de dollares de lampadas de carvão, que foram atiradas ao abandono por causa do ruido que fazem. Substituiram-nas por lampadas incandescentes, que são silenciosas, mas que aquecem a atmospha de uma maneira intoleravel e transformam os studios em estufas. Para impedir que os operadores, fechados hermeticamente em cabines, morram asphyxiados, quando o trabalho se prolonga, enviam-lhes ar fresco e oxygenio por meio de um tubo.

O director do film que reinava antigamente no studio como dictador absoluto, tem agora alguem acima d'elle de quem recebe ordens: o chefe do registro sonoro, ou o contro-



Filmagem de um film silencioso

lador do som. Sempre que terminam a filmagem de uma cena fazem a projecção da mesma diante de todo o pessoal do studio, afim de verificar si o registro está bom ou se é preciso refazer. E' o que se chama "play back".

O *talking* não dá mais lugar a improvisos. Tudo tem que ser combinado antecipadamente: o scenario, o texto, os rumores. E tambem não é mais possível, devido ao synchronismo sonoro, filmar muitas vezes a mesma scena para obter as diferenças de planos. E' necessario gravar ao mesmo tempo os *long shots*, os *medium shots* e os *close ups*.

Geralmente a photographia dos *talkies* é menos perfeita do que a dos films mudos. E' preciso dizer, que o publico americano reconhece isso, é sobretudo a novidade que o interessa. Tambem os *talkies* confectionam-se mais depressa do que os antigos films: primeiro porque não se perde tempo recomeçan-

Um cemiterio de lampadas que, pelo rumor que faziam, morreram para as filmagens actuaes



do cinco ou seis vezes a mesma scena, com o pretexto de que a estrella não está favorecida; enfim porque as partes faladas consomem muitos metros. Si se puzer de parte as despesas de amortização do material, que são formidaveis, o film falado ficará mais barato do que o film mudo.

Quando o film falado perder a attração do inedito, é provavel que o publico se mostre mais exigente e então já terá passado o periodo dos primeiros passos e com a experiencia obtida poderão melhorá-lo.

Uma consequencia fatal do film falado é a modificação dos valores do artista. As qualidades photogenicas são agora, secundarias ou, pelo menos, insufficientes. E assim, por exemplo, as famosas *Bathing Beauties* de Mack Sennett, cuja plastica impecavel fez a fortuna de tantos films, na maior parte, tiveram que deixar o cinema por não

poderem cantar. Apenas Thelmas Hill resistiu ás exigencias do microphone

As girls que, antigamente, eram simples figurantes, são hoje obrigadas a possuir algum talento vocal e instituiram, para ellas, cursos de canto, em todos os studios. No principio imaginaram que os artistas de theatre eram os mais recommendaveis para os *talkies* e uma multidão delles correu de New York para Hollywood. Mas o publico cinematographico mostrou-se refractario a dicção ficticia dos profissionais. E, neste momento, as antigas estrellas do cinema readquirem progressivamente o lugar que haviam perdido nos studios.

Um dos problemas mais graves dos films falados é o dos mercados estrangeiros. Outro



Filmagem de um film sonoro

inconveniente é que o film falado impede de conservar a interpretação eclectica que se sentia, cada vez mais, no film mudo, onde filmavam, ao lado um do outro, actores de todos os paizes. Os Americanos não renunciaram a utilizar os estrangeiros, mas, impondo-lhes um texto inglex, confiam-lhes papeis de francezes, allemães, espanhoes ou russos, em que a pureza de pronuncia não é indispensavel.

Recentemente produziram num studio de Hollywood, um film sonoro, e falante que é, ao mesmo tempo, um film, colorido, e pôde-se, desde já, prever o momento em que a pratica se generalizará. Nesse dia, aos profissionais do cinema juntarão os profissionais da côr, o que dará sem gastos e complicações. Mas parece muito complicado nem muito caro, em Hollywood, quando se trata de satisfazer os gostos do publico cinematographico.

JAMES ABBÉ.

O novo pessoal dos studios: engenheiros electricistas sahidos ha pouco da Universidade



CHARLES CHAPLIN

POR

SEBASTIÃO
FERNANDES

DESENHO
DE
DI CAVALCANTI



Eu sabia que você era poeta
Sem mesmo aparecer "Inmost-self"...
Você que sentindo a solidão em
[Kennington-Park]
Viu como são tristes todos os parques...

Nos seus films, não dei atenção, como toda
[gente faz,

A' cartola, bengala, sapato ou bigodinho:
Isto é o exterior, sem importancia - futil.
Motivo bom para a plebe...
Profissão de divertir.

Os seus retratos têm dedicatorias:
"A' MULTIDÃO".

A indumentaria é que o faz popular

No entanto, eu gosto do subentendimento:
São os pedaços que passam incompreendidos
Que fazem meditar

Aquele homem que cae para você subir...

A ilusão num prego da botina...

Ouro...

Circo...

A menina que fura o arco de papel: Estrela...

O risco redondo na areia...

A renuncia que ninguém compreendeu...

Todo mundo riu porque o cartaz

Anunciou: "Comedia".

Alguem quedou triste, pensativo...

O grande artista da vida!

O homem da multidão que adora a solidão
[dos parques]
Afinal: comico, bufão ou tragico?

E como tal, paradoxal tambem.

O triste paradoxo de viver representando...

Dramas de amor!

Casa-se por paixão

E está sempre se divorciando

Espectaculosamente, como pessimo marido!



A Avenida Quinze inundada na altura da bacia onde as águas subiram a mais de um metro.

O temporal do dia 20 em Petropolis

A ponte da Gróta Funda, quasi no Alto da Serra, pôsta abaixo pela chuva violenta que esbarrançou tudo. A linha da cremalheira ficou suspensa no ar.





THEREZOPOLIS



As cidades chamadas de verão tiveram este ano um movimento muito maior. Toda a gente que pôde saiu do Rio onde o calor morou desvalradamente e só saiu empurrado pelos temporaes do começo do outomno. Petropolis, Therezopolis, Friburgo, que estavam sendo substituidas pelas praias, voltaram á gloria antiga e até a excederam em 1930. Das tres cidades perto do céu, Petropolis é a mais munda-

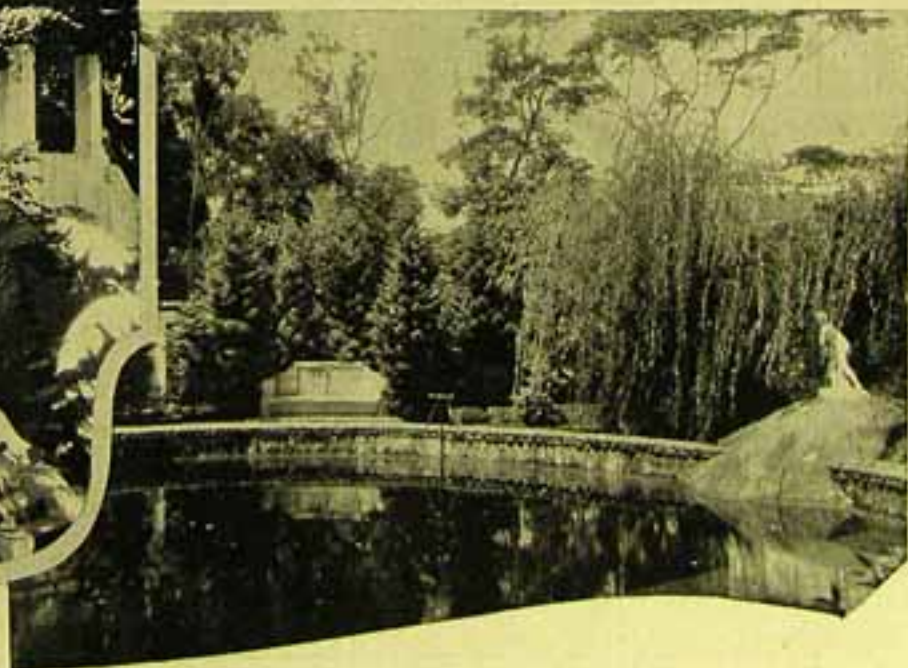


na, Friburgo a mais castira, Therezopolis fica no meio, como a virtude: diverte-se mas com tranquillidade. Aqui estão umas photographias de Therezopolis. São da vivenda maravilhosa do senhor Arnaldo Guinle, recantos do parque e a casa. Ali o estylo colonial assenta bem, dá um encanto de passado que se harmonisa com as arvores velhas, as aguas, com aquelle ar de Nosso Senhor.

Serra dos Orgãos



Subir á serra é um sacrifício com os trens que ha. Mas o sacrifício depois recebe o premio da melhor compensação. Lá em cima, está o paraizo e o paraizo sem serpentes e com maçãs permittidas. Olhem uns pedaços do jardim de delicias nesta pagina. A natureza estyllsada. Coisas que a mão do homem andou fazendo á sombra do Dedo de Deus.



Do Carnaval em São Paulo



Um automovel do corso da Avenida Carlos de Campos
e photographias colhidas nos bailes do Club
Hygienopolis e do Club Commercial.



O TREM AZUL

QUANDO a gente chega finalmente na força do homem, é curioso observar como certas maneiras de ser da nossa meninice vão voltando, com a liberdade nova e mais verdadeira que nós nos damos. Nem bem a mocidade chega, nós não somos mais nós; os sequestros, os preconceitos, as ansias de semostração se acumulam de tal forma no moço que ele abandona a maioria das suas verdades em proveito dum mascarado ideal, Mocidade, mais bonito que feio, aliás.

Estou falando isso porque me lembro muito bem: aos quatorze, quinze annos eu tinha a mania de vagamundear por essas ruas, puxar conversa com gente do povo, provocar confidencias que me divertiam profundamente, em troco das minhas enormes desgraças e miseráveis sonhos de grandeza. Tudo isso voltou, menos os sonhos. Só que dantes eu era ignorado e não visto, ao passo que agora, perdida a primeira inocencia, só vendo o olhar que algum conhecido me bota, si me pega conversando com uma Senhora que, pra todos os efeitos, é lavadeira, ou uma alma que pra todos os efeitos não passará jamais do guarda-civil. Mas contra isso eu tenho paciencia, e mais ainda, esta formidável massa de ignorancia com que apago dos seres, aquilo que não me permitiria estimar-os.

Só mesmo isso é que tem me facultado o ensejo de passar algumas horas post-meridianas no largo de São Bento. Este nosso largo de São Bento é uma especie de "Diário Popular" em carne e osso. No "Diário" os desempregados se annunciam; no largo de São Bento se mostram. Ali pelas quatorze horas o larguinho regorgita duma turba em que ha de tudo, desde saloios sordidissimos, até mocinhas hungaras, possivelmente bonitas pros hungaros. Si a gente passa, precisa não olhar pra nenhum desses; olhando, logo uma via-lactea de olhos ansiosos esburram na gente, a colisão é fisi-

ca, tal a avidez desses olhares. Si a gente olha e pára, então fica em estado de piranha ferida: aquela multidão se atira sobre, gruda, agarra, pega, puxa, lhe fala, lhe grita, implora e fede mais. Quebra o coração.

Nem tudo é miseria, sei bem. Tem os que se empregam pra roubar, por exemplo, e cuja sanha momentanea não é nem pra conseguir de comer, nem estímulo de concorrencia, é pura representação teatral, ensaio de habilidade no disfarce.

E tem os nacionais, ah! os nacionais... Estes não se afoham, não. Estão por ali, soberanos, contando pabulagens encostados a alguma árvore, examinando os azulejos com a topografia da cidade que adornam o alampadario central da praça. Os nacionais, numa indiferença magestática, morrendo de magreza e sonho. Não se afoham não. Mesmo que o automovel páre,

tiram uma linha sossegada pra dona e continuam nas suas pabulagens, desconfio que num desejo enorme de cantar.

Todos se dão, todos se falam. Os sexos é que se separam bastante, — no caso, por uma sensualidade já urbana e mais, pra que homens e mulheres possam com mais amplitude gosar seus preferidos com o unico tacto que inda têm, o dos olhos. Engracado é quando algum "bonito" resolve entrar em fala com a desejada. Ha os candieiros, sinhá. O bonito dá o braço pra um candieiro, enlaça outro pelo pescoço, e se aproxima dela. As frases não dizem nada, mas por causa dela responder, de tarde, é a seguir e etc. Depois a enorme cidade, tão visível e tão de todos, occultará o que pra essa gente inda é considerado proibição.

São quasi brutos. A curteza mental do camponio europeu, em nenhuma parte se demonstra na sua inenarrável podridão como ao contacto dos vivos mestiços da America.

Vale a pena triste, conversar com eles. Pergunta-se uma coisa fóra de uso, falar nos ricos, na desigualdade dos trabalhos. A intelligencia deles parece que acorda como um Adão, púbere já. Eles se botam pensando com a desabusada soltura de quem não tem por onde pensar e por isso é poldro em campo aberto. As mulheres ficam pasmas da existencia dessas coisas, mais aceitadeiras. Os homens, si você incutiu confiança neles, rangem nas revoltas mais abstrusas. A linda igreja abacial de São Bento ergue o seu romanico bizantinado ali. Atrás é o convento, com os frades limpos em silencio. São Bento distribui sôpas diarias pros que não têm onde comer.

A raiva mais comum é contra São Bento. Si houver uma revolução, esses padres é que têm que ver com a gente, não escapa um; miseraveis!... A raiva principal deles é contra São Bento, que é mais perto.



O RAID
(Desenho de Almada Negreiros)

MARIO DE ANDRADE

*A Victoria.*

Constantin Guys

*No Baile.**Uma Elegante.*

QUANDO em 1863, Baudelaire, com o dom divinatório de poeta, lembrou-se de descobrir Constantin Guys e proclamou-o "o pintor da vida moderna", tinha certeza de que essa revelação de um grande artista, não reteria muito a atenção dos seus frívolos contemporâneos. Os observadores profundos de uma época, são sempre por ela ignorados. Aliás, nunca esperam que os compreendam. Pintam para legarem à posteridade próxima a imagem, fixada num traço nítido, que dará às gerações futuras o ensejo de formarem uma idéia do tempo abolido, que a distancia começa a embellezar. Do Segundo Império, tão recente, e que a moda, de uns tempos para cá, vem exumando, apresentamos o mais verídico dos seus pintores, o assombroso Constantin Guys, admirado apenas de-

*No Bois de Boulogne.*

por **Emile Henriot**

*Outra Elegante.**O Coupézinho.*

pois de morto, no qual, hoje, com prazer reconhecemos um dos mais agudos moralistas do século.

Durante toda a vida, Guys foi desconhecido, mas a sua vitória posthuma é estrondosa. Hoje, que a vida parisiense quasi já não existe, pelo menos tal como a conheceram, amaram e praticaram os nossos felizes avós antes de 1870, é nas aguarellas e nos desenhos de Guys que devemos ir admirar-a. Com um caracter sombrio, voluntario misanthropo, Guys foi o mais penetrante observador que a vida mundana já teve e num tempo em que os prazeres estavam acima de tudo. Gavarni é mais alegre, mais sorridente: completava os seus graciosos e elegantes desenhos com o encanto jovial e a espiritual malícia das legendas tão bem escriptas. Guys contentava-se com o traço. Mas esse traço, sempre observado ao vivo e fielmente reprodu-



A Exposição de Pintura.

zido, sem paixão, sublinha, com um implacável realismo, o character da época frívola e encantadora, indulgente para todas as freqüências. . . Oh! Velhos que ouviram falar em Cora Pearl e na Paiva; que, em creança, maravilhados, assistiram á passagem da cabeça da Imperatriz, escoltada por um brilhante esquadrão de Cem-Guardas; que viram, ao longo dos Campos Elysios, filas de carros, de uma elegancia luzidia e lustrosa, com bellos cavallos trotando sob os arreios envernizados, nos quaes, á sombra de minúsculas sombrinhas, ostentavam-se, para alegria dos olhos, languidas mulheres vestidas com crinolinas; que conheceram, em todo o seu esplendor, os bailes da Opera, o mundo encantado, extrava-



No Theatro.

gente e já fantastico do Segundo Imperio, os costumes faceis, o gozo de viver, passem a vista, apenas rapidamente, sobre a audacia de tantos desenhos crueis e digam si, tanto quanto uma melodia de Offenbach ou de Hervé, o menor croquis de Constantin Guys nao é o mais maravilhoso evocador dos fantasmas que se podem imaginar e não é sufficiente para arrancar do dominio das sombras, todas as bellas adormecidas, desejadas pelos seus vinte annos! . . . Nós, que somos de outros tempos, não podemos deixar de agradecer a Constantin Guys, ter-nos ajudado, tão bem, a conhecer esse passado — sem mesmo nos occultar as humanas tristezas que as bagatellas a maveis cobriam! . . .

Que pensa dos vestidos compridos?

Não ha retrato nesta pagina. Hoje ella sãe assim. E é pena. Porque, quem a minha amiga não conhece poderia ter pelo retrato, a impressão do que ella é. Descreve-se, mas dahi á realidade, que salto! Dirá melhor a photographia? A's vezes sim, muitas não, apesar do adiantamento da arte photographica, aperfeiçoada. O que eu quizeria, pois, seria uma penna ou uma chapa que dêsse ás minhas leitoras Maria Leonarda de Almeida simplesmente como é. Pequena e delicada silhueta de mulher, branca, cabellos castanhos, uma expressão de vivacidade e intelligencia no rosto, e "chic", elegante e discreta.

Approximamo-nos ha já algum tempo porque ella é leitora assidua do "Para todos..." e tambem assidua leitora do que escreve "Sorcière".

Em casa de modas, num dia de movimento, servia-nos a mesma caixa. Maria Leonarda experimentava chapéus. Um "beret", outro sem aba, mais outro, um "béguin", destes muito agarrados ao rosto... E o della é principalmente viçoso, de muita juvenlidade. Mas a gentil fregueza não estava contente. Ainda se não podia habitar a falta de aba que dá ao rosto um sombrio expressivo. A "vendeu-se" procurava entusiasmá-la. E eu, a dois passos, esquecia de escolher o chapéu de que precisava, ou que me tentara... Era olhos e ouvidos para a outra. Foi, então, que a caixeirinha, sentindo em mim uma auxiliar espontanea e bem intencionada, apresentou-nos uma á outra. E Maria Leonarda me confessára que de ha muito desejava tal approximação. Depois, amabilidades nos rapidos e fortuitos instantes em que nos encontravamos. O "senhor Alano" andava sempre nisso. Um dia soube que ella partiria para o Maranhão, a sua terra, e a terra que nos tem dado tantos homens illustres, dos quizes se orgulha o Brasil, e terra de meninas bonitas. Aliás, n'ato o Brasil é fértil, e a gente fica sem saber se a belleza do sul suplantará a do norte, e se qualquer das duas equivale á graça parisiense da car'oca.

Ficára a mim confiado o album de Maria Leonarda, e a mim mesma ella pediu umas palavras. Mas desde que



NA PRAIA DE COPACABANA

abri o livro encadernado de fino couro verde e filetes de ouro, puz-me a pensar que não podia annuir ao desejo da linda creatura. Godofredo Vianna, Maria Sabina, Austregesillo de Athayde, Silva Ramos, Veiga Lima, Humberto de Campos, Olegario Marianno... Tantos escreveram nesse album. Faltou-me a coragem de hombrar com tanta gente illustre. Guardel-o, então, até que a dona voltasse.

Aqui não podia deixar de figurar o nome da senhora Marcellino de Almeida. Além de fina e elegante ella é intelligente e culta. Entretanto, eu a sabia modesta, excessivamente modesta. O mesmo caso que nos favorecia serviu ainda desta vez. Mesmo por acaso foi que eu a vi, numa tarde de chuva e consequente friagem, na sua "limousine" que estava á espera do signal verde. Cheguei-me perto do carro côr de vinho. E Maria Leonarda:

— Você, Alba de Mello?

Habituou-se a chamar-me pelo meu nome inteiro. E isso na sua voz característica de nordesta, voz cantante, melodiosa, de graça especial.

— Por que não me avisou que estava aqui, de volta?

— Entre, entre. Vamos dar um passeio.

E, naquella vivacidade, que lhe é um encanto a mais:

— Uma grande volta, depois um chá. Aproveitemos a tarde para uma boa palestra.

— Terá naturalmente mais que fazer...

— Tambem você, eu o creio. Mas não importa. Vamos embora.

E fomos. Sobre o asphalto deslisava o automovel, e a chuva meúda, renitente e impertinente de tres dias consecutivos, continuava a cahir. Avenida Beira-Mar, Flamengo, Botafogo, Copacabana, Leblon, depois a volta pelo Jockey, Jardim Botânico... E a conversa era animada. Maria Leonarda contou-me do entusiasmo, no Maranhão, pelo concurso de belleza.

— E as maranhenses?

— Elegantes, graciosas. Ha meninas lindas, e se vier uma das mais votadas fará successo.

Tambem inquiri do gosto das moças maranhenses pelas letras, pela arte. Procurei saber do desenvolvimento intellectual dos "novos", na cidade preta. E ella me disse bem de tudo e



Senhorita Eva Schnoor no Port of Spain, capital da ilha de Trinidad, quando ia de viagem para a America do Norte.

de todos, num baírrismo delicado e affectivo. Também falou de sua proxima volta á Europa.

— Tem grande enthusiasmo pela Europa?

— Tenho, mas prefiro o Rio, que é a maravilha das maravilhas, uma terra que a gente não mais pôde deixar esquecer. Ha cousas sumptuosas, lá fóra, ha naturezas bellissimas, civilização muito em avanço. Mas para o Rio...

— ...não ha superlativo que baste.

— Isso mesmo! respondeu a rir, Maria Leonarda.

— E que me diz você das saias compridas e da cintura no lugar?

Ella, subitamente séria:

— Alba de Mello, você não me vae entrevistar...

— Quem sabe? E por que se recusaria?

— Porque não sou elegante, porque...

— E' elegante, é espi'rituosa, é bonita...

— Não, por favor, não faça tal.

— Mas você bem pôde contar, ao menos a mim, que impressão lhe dá a nova moda?

— E que fará disso?

— Desde que você me conte passou a deixar de ser uma cousa só para você...

— Olhe, os vestidos compridos são bonitos, agelitam-se mais no corpo. Eu, quando começou o "brou-ha-ha" de que as saias iriam descer e as cinturas subir, jurei que

havia de ser uma das ultimas a usar a nova moda. Mas a visão foi-se habituando, e passei a gostar do que nos dictava a rainha universal...

— Como já se adaptou aos chapéus que lhe descobrem o rosto.

— Sinceramente, uso, uso mas prefiro os de aba, os "cloche". Favorecem mais.

— Ainda mais? Para quê, Mar'ia Leonarda?

Chegavamos á cidade. E na casa de chá, depois de trocarmos as chavenas donde se evaporava o suave aroma da bebida elegante, alegres, Maria Leonarda continuou:

— Tão juvenis as mulheres de sa'a e blusa, num dia de sol, e panamá á cabeça. As "fausses maigres", bem entendido, ou as magras. Porque se gosta sempre do que está na moda?

E a commentar isso e aquillo... cinco e mais da tarde!

— Vamos?

Ella ainda me offerecera conducção. Mas t'nhamos de nos separar. A' porta da "limousine" Maria Leonarda, muito graciosa na sua capa de setim preto, gôrrô de "faille" preta, a'nda recommendou:

— Você não vae aproveitar o que lhe disse, pois não?

Beijei-a a sorrir, e tomei a calçada. O automovel dera a volta ainda a tempo de acenar-lhe, ao que ella respondera tambem já de "lorgnon" nos olhos, porque Maria Leonarda é um tantito myope, o que lhe dá certo encanto junto ao com que maneja a elegante joia de platina e vidros de crystal.

ALBA DE MELLO.

A declamadora Martha Silva Gomes num recital pro-monumento Ruy Barbosa

De São Paulo chega noticia de relevo social. Martha Silva Gomes, a convite especial do "Correio Paulistano", em festa promovida pelos intellectuaes da Paulicéa, para o monumento Ruy Barbosa, fará o seu segundo recital naquella cidade, onde seu nome já foi consagrado como interprete de Alvaro Moreyra, Ronald, Olegario Marianno, Menotti, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida, entre os modernos, Bilac, Vicente Carvalho, e outros artistas immortaes do verso. Será a 3 de Abril proximo.





Graça Aranha na sua sala de trabalho do apartamento onde mora, na Praça Floriano, lá em cima, com toda a cidade carioca em volta d'elle. Foi ali que elle terminou "A Viagem Maravilhosa", livro do Brasil novo, livro evangelico, grande livro que ascende do nosso passado e vae para o futuro da nossa terra e da nossa raça.

Em baixo :

As misses europeias no dia da escolha de Miss Europa: da esquerda, Italia, Dinamarca, Grecia (Europa), Turquia, França, Hespanha, Russia, Tcheco-Slovaquia, Belgica; no segundo plano, tambem da esquerda, Yugo-Slavia, Austria, Rumania, Hungria, Hollanda, Inglaterra, Irlanda.





SENHORITA
ELENA PLA' MOMPO'
MISS HESPÂNIA

Foi eleita em Madrid, no
Theatro Metropolitano, que
estava ao contrario dos
theatros caricados: chelo.
Tem 17 annos. E' a mais
moça das misses europeas.
Foi escolhida por um jury
composto de pintores, es-
culptores, medicos e come-
diantes.



Tem dezolito annos. E'
estudante de Direito.
Pertence á velha aris-
tocracia da Servia. O
pae della é coronel. O
avô foi regente de rei-
no. Móra em Belgrado.

(Photo G. L.
Mannel)



SENHORITA
STEPHANIE DROBNYAK.
MISS YUGOSLAVIA





SENHORITA
ZULMA
INVERNIZZI,
MISS
URUGUAY

(Photo
Figoli)



E' de Montevidéo, 18 annos. Cabellos
dourados. O vento do pampa que fica
proximo deu-lhe força e sonho. Filha
de uma terra democrata, tem o as-
pecto de uma herdeira de throno. E'
linda assim, com o seu sorriso de prin-
ceza e o seu ar de retrato antigo.



Concurso
de
Belleza
para
a
escolha
de
Miss
Uruguay



Senhorita
María
Galavecino,
segundo lugar.

Em baixo,
à esquerda:
Senhorita
Cocó Iribarne
de la Vega,
terceiro lugar.

A' direita,
em baixo:
Senhorita
Tota
Chans,
quarto lugar.





Em cima,
à direita:
Senhorita
Lavinia
Barros
Schelbel
(Jardim
America)
A' esquerda,
em cima:
Senhorita
Henedina
Drolhe
(Liberdade)
Em baixo:
Senhorita
Marianna
Bacellar
(Lapa)
(Photos
Rosenfeld)



Concurso
de
Belleza
para
a
escolha
de
Miss
São Paulo

Uma das razões, e talvez a mais forte do perecimento do theatro no Rio, é a falta de casas de espectáculos, sendo que o reduzido numero dellas diminuiu mais ainda, com a invasão do cinema, industria que não nada em prosperidade, mas que se acha melhor organizada, e dispõe de capitães mais solidos.

Necessita o Rio de dez ou doze theatros no perimetro urbano. Tem-se alvitrado, inutilmente, a Municipalidade que conceda favores, como fez com relação aos hotéis, aos que se proponham construir theatros. Seria um meio de dotar a mais linda e mais insípida cidade do mundo, com as diversões que lhe faltam. Ocupa-se, porém, a autoridade com estradas estheticas, restaurantes e "bars" onde comam e bebam os turistas, mas esquece, lamentavelmente, que quem viaja e visita um país para nelle permanecer dias ou semanas não quer ver, apenas, panoramas, quer ter, tambem, onde ir á noite recrear o espirito. Gastam-se milhares e milhares de contos em rodovias e jardins e nenhuma providencia se toma em favor desse outro lado do problema, do ponto de vista turistico.

A insípida Cidade do Rio de Janeiro

A questão, porém, deve ser considerada do ponto de vista nacional. Precisamos desenvolver o nosso theatro e não podemos fazer, porque é impossível representar na praça publica. Uma grande esperança enlourou a alma dos que se batem por esse elemento de cultura no Rio: a grande area de terrenos do Castello. Era de supor que ali se reservasse espaço para quatro ou cinco casas de diversões, e disso não se cuidou nem se cuida. O edital para a venda de taes terrenos refere-se ao assumpto, mas pilhericamente... Ha uma area central em cada quadra que é servidão commum

dos edificios que a rodeiam. Se, porém, esses edificios forem de um só proprietario, elle poderá utilizar a area para a construção de um theatro ou de um cinema... Até aqui, para edificar alguem uma casa de espectáculos na parte central da cidade, era preciso que fosse millionario. De accordo com o que concede (!) o edital só sendo multi-millionario.

O resultado já se sabe qual é. Edificados os terrenos do castello, aquillo á noite deve ser tão morto como a Avenida Rio Branco e ruas transversaes, das 20 horas em diante, exceptuadas, é claro, as immediações da Galeria Cruzeiro e o Quartelão Serador. No entanto, se exige que as lojas dos taes edificios sejam casas commerciaes que ficarão, obrigatoriamente, com as vitrines abertas e illuminadas até a meia noite. Para quê? Ninguem transitará por essa cidade morta, sem vida a partir da hora do fechamento do commercio. Para que os turistas vejam? Mas esses, e assim mesmo raros, diante do desperdicio de luz hão de pensar que se encontram em uma terra de malucos...

M a r i o N u n e s

N. Viggiani, para festejar o exito da estrêa de Roulien no Lyrico, reuniu gente de imprensa e gente de theatro na Confeitaria Colombo e foi uma feijoada notavel, comida e bebida com alegria. Houve discursos no fim. Mas ninguem estava em condições de protestar contra os discursos.



Cinema do Brasil



DIDI VIANA

Ellas são estrelas de "Saudade", produção
Cinearte, da Benedetti-Film. As duas nas-
ceram em São Paulo.

(Photographias de M. Rosenfeld)



TAMAR
MOEMA

NÃO deixa Lisieux sem provar os finos doces da Pâtisserie Epinette". Aqui está a Pâtisserie Epinette, na rua da Ponte-Mortain. Vou curiosamente olhando as vitrinas que projectam claridades vivas na rua mal iluminada. Na praça Thiers dobro a Grande Rua. As confeitarias perseguem-me, nesta Lisieux monacal. "Chiques Lexo-

viennes", é a especialidade do Sr. H. Bacirot, no n.º 50. Lá dentro, entre os balcões de doces, um homem sorridente: deve ser o Sr. H. Bacirot, confeitiro. Noutra vitrina um annuncio aconselha-me:

"Depois das refeições, beba uma Therezinha, o grande licor de Lisieux". Não beber, jamais.

Examino as lojas dos vendedores de lembranças piedosas. Santa Therezinha está em todos os objectos. O que perturba a meditação de certos peregrinos, nas cidades illustradas por uma santa, é a intervenção do commercio. O commercio não perdôa as lapiseiras, os cortapapeis, os tinteiros. Não se concebe um tinteiro sem Santa Therezinha. No entanto, esse tinte-



Praça do Mercado da Manteiga, em Lisieux. As velhas casas de telhado pontuado viram passar os seculos...

O NOCTURNO DA RUA LIVAROT

ro existe, está diante dos meus olhos. Continuo o caminho, reflectindo nessas absurdas maguas de uma sensibilidade caprichosa... Infantilidades minhas. A chuva de rosas é tambem para o commercio. Aonde vai esse povo que enche a rua de Paris? A um cinema talvez. Seria inutil ver como é o cinema de Lisieux. O que me apaixona é vagar assim, ao acaso, virando esquinas, mudando de scenario, passando de uma viella do seculo XVI para uma rua moderna, sahindo de uma praça animada para o silencio de uma alameda de platanos, entre portões fechados, entre jardins em sombra. Sou como um caçador furtivo, surpreendendo a cada instante um aspecto desconhecido, de Lisieux, mil vezes olhado pelos outros, mas que exerce sobre mim o imperio de uma descoberta. Tudo é novo sob as estrellas — murmuro erguendo a cabeça para o céu nocturno, agradecendo a Deus os meus olhos.

...

A noite avançou. O silencio espalha-se agora por toda a cidade. As lojas fecharam-se, os lampeões velam sozinhos.

Vagareiro, cheguei enfim diante do Carmelo. Parece-me real a presença de Santa Therezinha. Olhando as janelas fechadas do convento, as paredes brancas da capella, os muros da clausura, imagino, para meu gosto, que estou no tem-

po em que ella vivia; que sou um viajante do anno de 1894, quando a Santa escrevia versos na sua cella, fatigada de ter trabalhado durante o dia na costura dos habitos, no preparo dos vasos da sacristia, nas flores para os altares. Agora, aproveitando o abandono da hora deserta, Santa Therezinha escreve a "Melodia de Santa Cecilia":

Cecile, prête-moi ta douce mélodie;
Je voudrais convertir à Jesus tant de coeurs!

...

Nesse tempo não havia em Lisieux o "Grande Licor Therezinha".

Nesse tempo, Lisieux não conhecia a industria hoteleira, os trens cheios de peregrinos invadindo a estação, as rias de povo entrando na capella. Nesse tempo as vozes puras, que se evolvem em canticos destes muros, não faziam parar os passantes distraídos. O Carmelo não dera uma santa. No entanto a maluquinha, lá dentro, escrevia, escrevia... "O meu Deus, eu desejo ser santa, mas sinto a minha impotencia e peço-vos, ó meu Deus, que sejais vós mes-



E os balcões de flores, no silencio das ruellas medievais...



... dão uma nota risonha de fachadas severas, de madeira carcomida...



Capella do Convento das Carmelitas de Lisieux, na rua Lívarot.



No seu leito de tísica, Santa Therezinha exhala o último suspiro, dizendo: "Amo-vos, meu Deus!" (Quadro de sua irmã Celina, actual Superiora do Carmelo de Lisieux.)

mo a minha santidade".

Quem prestava atenção á casa das carmelitas na rua Lívarot? A teimosia das filhas do Sr. Stanisles Martin é que produziu um susurro de commentarios pelos quarteirões da burguezia rica. Jam deixar o velho sozinho lá nos Buissonnets, aquellas maniacas. Todas as filhas delle estavam com a obsessão de ser freiras. Até Thereza, com quinze annos, a chorara uma commoção. Morria para o mundo, aquella flor?

A tomada do habito de Therezinha fôra um acontecimento. A graça tocante da menina e moça, ainda amorosa das suas bonecas, espalhara uma commoção. Morria o mundo, aquella flor?

— Maluquinha...

...

Onze horas da noite. A superiora passa por acaso e vê luz na cella de Thereza. Não diz nada, some em silencio, abafado o rumor das alpargatas no corredor... Ella sabe que Thereza trabalha pelo Carmelo e pelo amor de Deus: é a luz vigilante da rua Lívarot.

Lisieux não suspeita do que se prepara no convento pobre. A torre de S. Jacques desfia as horas, no silencio da noite

Nas velhas casas de telhado pontudo, com baldões de madeira enfeitados de flores, Lisieux dorme, sem sonhos. Não sabe que atraz dos muros do Carmelo, o pequeno vulto debruçado sobre uma folha de papel, escreve, escreve...

Tosse: "Tenho uma saude de ferro", dissera a sua irmã Celina. Tosse outra vez, aperta o peito dolorido. Ajoelha-se longamente diante do crucifixo. Depois, no leito grosseiro, sob a coberta de algodão, adormece. Tem uma infavel candura esse rosto de criança. Bate, compassado, o coração affavel de Soror Maria Francisca Thereza do Menino Jesus e da Santa Face.

...

Percorri toda a rua Lívarot. Detenho-me agora, novamente, na calçada do Carmelo. Por aqui passou muitas vezes Therezinha, quando acompanhava o pae nos lentos passeios pela cidade. Seu vestido roçou estes muros do convento, onde tanto desejava entrar. Por esta porta, annos depois, em 1897, sahio para o cemitério a bemaventurança.

Digo adeus ao Carmelo. Applico o ouvido ao silencio para escutar vozes de freiras. Não ouço nada. Não levarei comigo a musica sobrenatural dos officios a horas perdidas, na noite morta da rua Lívarot. Não faz mal, ou-

tra musica sobe das cousas... musica desta quietude cheia de murmurios secretos para as almas... musica de mim mesmo talvez, das minhas supplicas... Nunca te esquecerei, rua Lívarot na grande paz da noite religiosa!

...

Vê, Therezinha, sou o mais indigno dos teus amigos, o mais impuro de todos a quem já tocaste com a tua graça. Na tua capella, ainda hoje, escondido entre as columnas da nave, chorei tanto sem saber porque chorava! Agora, na rua deserta do convento, tenho a impressão de que me vê, de que me ouves.

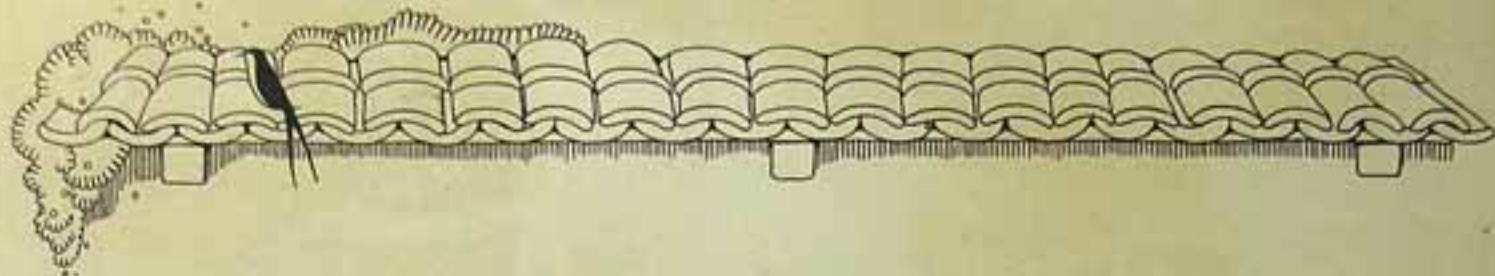
Aqui estou, sob as mesmas estrellas que foram testemunhas da tua vocação celestial. Como si o pedisse á propria noite, quero pedir-te uma graça, maior do que todas as outras que me concedeste em outros tempos. Uma graça maior, Therezinha...

... Atiro ao vento o meu segredo.

No céu negro, uma estrella faz um risco fulgurante, cahindo, Therezinha disse que sim para a minha alma.

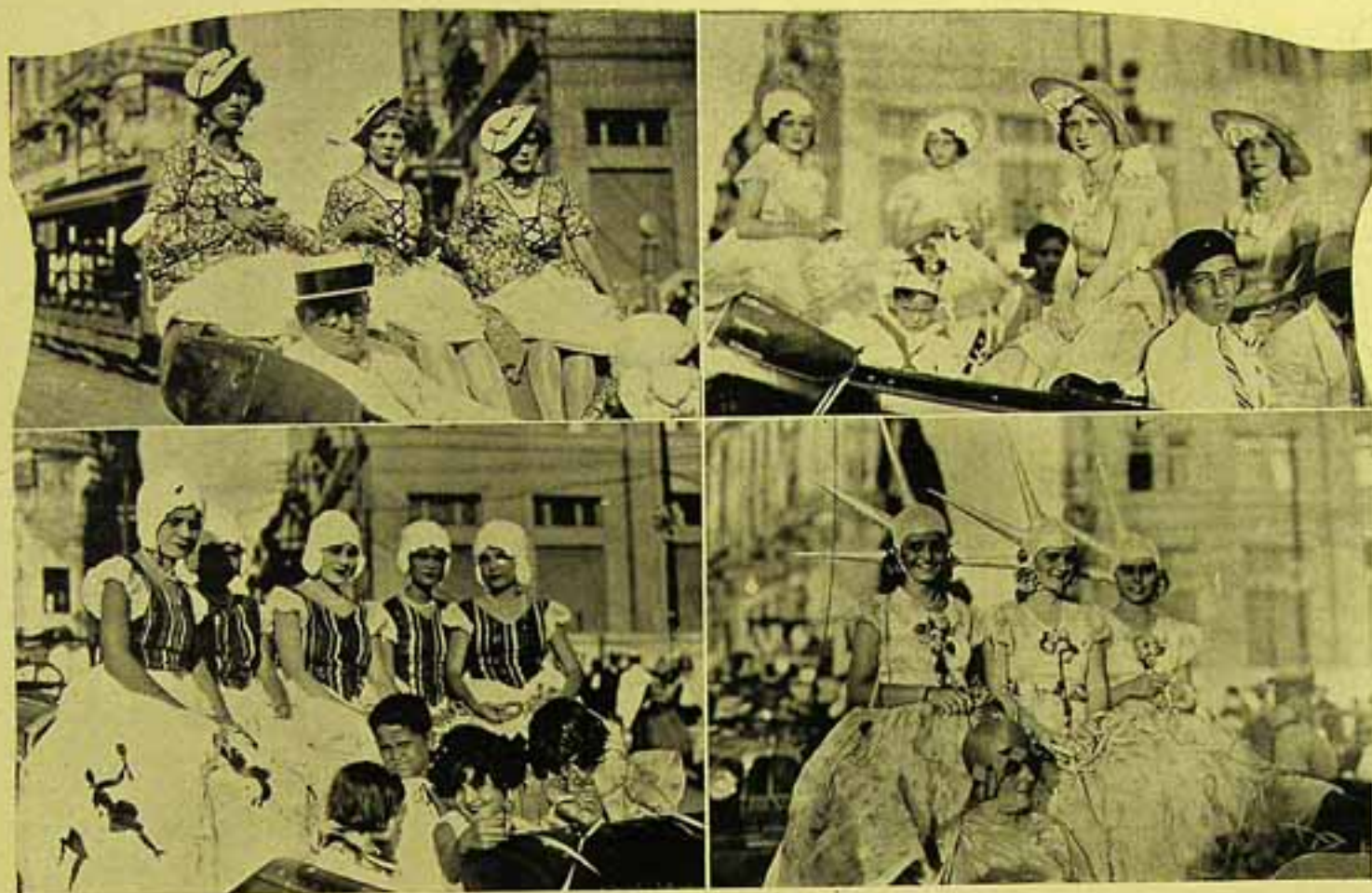
RIBEIRO COUTO

A ANDORINHA PERDIDA



Eu tenho inveja da felicidade!
 Não da que os outros têm, que é delles não é minha,
 mas da que eu ia ter, — ia ter noutra idade,
 quando o meu coração era aquella andorinha
 simples, no seu beiral; livre, na immensidade...
 Pois a felicidade ia ser minha:
 acalento de amor, no berço; louvaminha
 primeiro gorgeio — ave que desaninha
 antes da primavera, e acha saudade
 antes do idyllio! Trefega andorinha,
 por quem minha infantil precocidade
 criou azas de orgulho e de vaidade.
 desdenhou o beiral, mediu a immensidade
 e lá deixou a aldeia ribeirinha
 pela visão do mar, junto a grande cidade...
 Oh! a felicidade já foi minha
 e eu tenho inveja da felicidade...
 Ella se foi, com o tempo, que definha,
 a esperança da minha mocidade.
 Andorinha, andorinha,
 perdeste o teu beiral, perdi a immensidade...
 E o inverno se avizinha!
 Eu tenho inveja da felicidade...

HERMES
FONTE



Aspectos do corso, domingo de Carnaval, na capital bahiana.

Filhos do senhor Roberto Kastrup, fantasiados no ultimo Carnaval.



O AMOR EM PARIS

— Já agora, diz-me o Sr. Antoine, vamos fazer uma visita aos "clochards".

— "Clochards" ?

— Sim. Esses destroços humanos, resíduos da sociedade, atirados à lama, que vivem, de dia, a procurar, no lixo o que comer, e dormem, à noite, sob as pontes, nas margens do Sena, tendo por leito o chão duro e por tecto a immensidão do firmamento.

Um taxi conduziu-nos à Praça do Chatelet. A quella hora — tres da madrugada — estava quasi deserta. Raros transeuntes. Alguns bohemios infatigaveis. Alguns typos extranhos, de casquette, foulard ao pescoço, cigarro ao canto da bocca — o typo classico do vagabundo ou do rufião. Duas ou tres mulheres, horripeladas, verdadeiras harpias que, somnolentas, procuravam, á viva força, arrastar um homem.

Descemos pela primeira escadaria ao lado da ponte. Essa mesma por onde, em algumas claras, frescas e radiantes manhãs primaveris havíamos descido para tomar o vaporzinho que nos levava a Suresnes. Em baixo, tropeço em alguma cousa que embaraçava o caminho.

— Atenção, cuidado, ande de vagar e procure abrir os olhos, grita-me o Sr. Antoine.

Eu havia tropeçado num corpo ! Aquella cousa, aquellas cousas, pontos negros, disformes, encolhidos, que se não mexiam, immoveis, que davam a idéa de um monturo, monturo de trapos, de roupas velhas, imprestaveis — aquellas cousas eram homens !

A vista, pouco a pouco, melhor se habituava á escuridão. E a scena, em todo seu horror, apparecia aos nossos olhos. Dir-se-ia naufragos jogados á praia depois da tormenta. Figuras horripilantes. Seres que de humano só tinham a fórma. Lixo, lixo que a sociedade atira á rua, como o meio mais facil delle desfazer-se, quando tudo indica que, si melhor organizada, poderia outro destino dar-lhe, quicá proveito delle tirar.

E ás dezenas, ás centenas, lá estavam elles, os "clochards", arrostando as intemperies, dormindo algumas horas, poucas, as unicas felizes numa existencia infeliz, feita de privações. Felizes porque nellas, nessas poucas horas de somno, deixavam de pensar, de sentir fome, de viver. Horas de morte, dessa morte que é o repouso, dessa morte que desejam, que pedem, mas que temem, que chamam, mas cujo encontro não têm a coragem de anticipar.

"Animus memenisse horret"... as palavras de Virgilio vinham-me aos labios, diante do quadro que contemplava. Espôciamento da vida.

— A policia deveria, e poderia, evitar este espectáculo, sente-se na obrigação de explicar o Sr. Antoine. Mas onde recolher toda essa gente, quasi uma população ? Não dispomos de habitações. O unico meio seria fazel-os perambular pelas ruas. Não lhe parece que seria de uma crueldade desnecessaria tirar a esses desgraçados o unico prazer que lhes resta — essas horas de somno ?



Senhor Ismael de Oliveira Maia é "Leamsi", o autor do livro "O amor em Paris", que está sendo lido por todo o Rio e vai ser lido por todo o Brasil. Das duzentas e trinta paginas vivas, impressionantes, d'"O amor de Paris", tiramos um trecho, para fazer com elle o maior elogio ao livro de "Leamsi".

Tenho pena. Sinto uma piedade immensa. Insensivelmente volto a olhar aquelle monturo humano. Uns roncavam, outros gemem. Ouço um suspiro, suspiro longo, prolongado, que vem do coração, lá de dentro, do âmago. Surpiro que é uma expansão de dor, de um peito oppresso, que é um desafogo, que transborda maguas, pezares calcados, resentimentos. Quem sabe — suspiro de amor. Partia de um homem, um moço. Reparo. Ao lado, confundindo-se na sombra, sob os mesmos trapos, destacam-se uma cabeça loura, e, emmoldurado pelos cabellos dourados, um rosto magro, muito branco, de uma rapariga, uma creança. Ella deve ter, quando muito, quinze annos. Mãos enlaçadas, dormem. Suspiram. Sonham, talvez, sonhos de amor, de reinos encantados. Sonham com fadas, palacios, riquezas. São tão extravagantes os sonhos, tão caprichosos ! E no somno, sonhando maravilhas e felicidade, ella mais se approxima delle. Já agora vejo-os juntos, muito achegados um ao outro.

Vejo que os labios se procuram, vejo que se unem.

Assim é o amor entre a ralé !

Partimos. O Sr. Antoine conduz-me. Vae levar-me, diz elle, á "Grappe d'Or".

Tomamos a rua Saint-Denis. Difficilmente caminhamos. As calçadas estão atravancadas por caixões, balaios, cestos, todo um arsenal de utensilios domesticos para o transporte de comestiveis. Nos leitos das ruas amontoam-se cenouras, nabos, repolhos, couves. São pyramides, arranha-céus de legumes. O movimento é intenso. Grandes carroças, verdadeiros mastodontes, descarregam. Centenas de homens transportam ás costas, os cestos enormes. Formam-se pilhas, montanhas. Algumas mulheres pedinchonas, perseguem os carregadores na esperança de conseguir uma cenoura, um repolho, uma couve — o bastante para uma sopa que só por esse meio poderão garantir. Um bebedor lança imprecações. Dois "snobs", de casaca, dirigem-se para o Père Tranquille. Uma creança chafurda na lama da sargeta. Um cachorro lambe um queijo que rolou até o meio fio. Estamos nas imediações das "Halles Centrales", o grande emporio que abastece, que faz viver Paris.

Ciamfort, escreveu — "La société est composée de deux grandes classes: ceux qui ont plus de diners que d'appétit, et ceux qui ont plus d'appétit qu'il de diners". Nunca, como nesse momento, senti tão intensamente a verdade dessa sentença.

Todas essas ruas que cruzam Saint-Denis, que contornam o casarão do mercado, formam um dedalo onde o transeunte que as percorre pela primeira vez, facilmente pôde perder-se. São ruas immundas, de casas velhas, de hoteis de passe. Ruas sem luz, de ar sombrio, de tascas infectas, que amedrontam, que fazem arrepiar o burguez que por ellas passa, de madrugada. Viramos, damos voltas. Chegamos á Praça dos Innocentes. Um pequeno jardim. Ao centro um chafariz. Grades que circumdam impedindo, que toda uma malta de vagabundos se utilize dos bancos, que delles faça residência.

Aqui está a "Grappe d'Or". Que é ? Como classificar ? Que nome dar ? Hotel, albergue, toca, antro, pocilga ? E' sordido, nojento, asqueroso. O ar é irrespiravel. O cheiro é insupportavel — suor, camisas, meias, roupas sujas, alcool, comida azeda, queijo estragado, alho, cebola, urina. E sobre as mesas, em cadeiras que se equilibram, encostados ás paredes, deitados no chão, por vinte centimos, homens e mulheres, em promiscuidade, falam, comem, bebem, embriagam-se, dormem.

O patrão, calmo, pachorrento, feliz, sorri ás moedas que caem na gaveta. E sorri, ainda, á creatura que, na cadeira proxima ao balcão, cabeceia, tonta de somno. E' a victima escolhida para aquella noite, que aguarda a hora do sacrificio. Faz-se o patrão, assim, pagar, parte das dividas.

Amor... Ultimo refugio, ultimo porto. Detritos. Escórias humanas. Ralé !



Antes do almoço oferecido ao deputado carioca Azevedo Lima, no restaurante do Lido.

ORA BUMBA, MEU BOI

Ora bumba, meu boi,
ó meu boi marruá!
Ora dá no vaqueiro,
ó meu boi marruá...

E a cantiga mistura-se com a poeira e com o sapateado nervoso dos creoulos, enquanto o boi salta enfeitado de fitas verdes, azues, vermelhas, amarellas...

E segue a cantiga-pixaim:

Ora bumba, meu boi,
ó meu boi marruá!

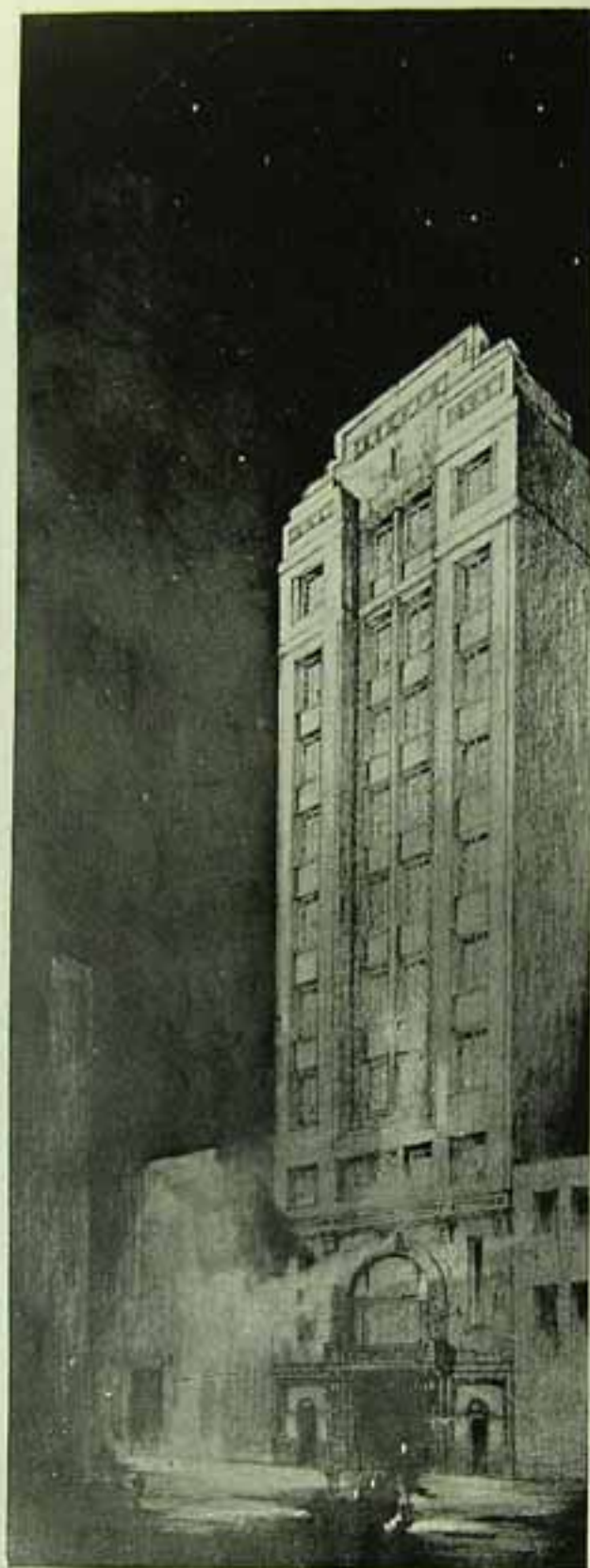
BUENO DE RIVEIRA

Embarque do Dr. Ulysses Pernambucano de Mello, director do Gymnasio de Pernambuco, para o Recife.



Durante a última reunião no Club Central em Nietheroy, que foi uma tarde encantadora.





Futuro Edifício da Sociedade Sul Rio Grandense

Projecto classifica-
do em 1º lugar, ac-
eito pelo Conselho
Deliberativo daquela
importante Associa-
ção e aprovado em
Assembléa Geral de
seus socios.

O custo desta obra
está orçado em cerca
de 2.000 contos, pois
será dotado de tudo
conforto e luxo. Dis-
porá ainda, a constru-
ção de grande nume-
ro de escriptorios,
cuidadosamente dis-
postos de fôrma a não
prejudicar a parte
destinada ás suas
installações sociaes,
mas que vão consti-
tuir receita aprecia-
vel, produzida pelo
seu arrendamento.

Os seus autores,
são: Dr. Milton Maia,
Engenheiro Civil, for-
mado pela nossa Es-
cola Polytechnica, En-
genheiro da Directoria
de Obras Publicas do
Estado do Rio, ex-
prefeito de Duas-Bar-
ras e director da cons-
trução de Estradas
de rodagem - Friburgo
a Therexopolis; e Dr.
Paulo Antunes Ribeiro,
Architecto pela nossa



Dr. Paulo Antunes Ribeiro

Escola Nacional de Bellas Artes, tendo
concluido o curso com grande me-
dalha de ouro, Engenheiro urbanista
pelo Instituto de Urbanismo de Pa-
ris, na Sorbone, Membro do Conse-
lho Deliberativo do Instituto Central
de Architectos, Ex-auxiliar do Pro-
fessor Agache no Plano de remode-
lação da Cidade do Rio de Janeiro,
no seu escriptorio tecnico em Pa-
ris, quando naquella cidade.

Dr. Milton Maia



PROPOSITO da nossa penultima chronica sobre a crise creada para a musica no Rio de Janeiro, pelas casas vendedoras de victrolas e discos e pelas nossas sociedades de radio, foram numerosos os applausos que recebemos e os commentarios que ouvimos de pessoas altamente interessadas no caso.

Effectivamente, se ha uma crise cuja razão de ser está a entrar pelos olhos de de toda gente, essa é, sem duvida a que ora nos preocupa, com o intuito exclusivo de trabalhar por debelal-a.

O desenvolvimento formidavel do commercio de discos, entre nós, estava palpavelmente demonstrado com o numero de casas do genero, que se estabeleceram por toda a cidade. Ora, se essas casas passaram o tempo a encher os ares de quanta musica popular existe e se em cada rua e a cada passo uma casa nova surgia, era porque a musica por ellas propagada todos os dias conquistava novos adeptos, alaistrando-se como uma ameaça cada vez maior e mais perigosa, para o bom gosto artistico da população. O vendedor de discos só tinha a preocupação de augmentar o seu negocio. Os interesses artisticos da cidade nada eram perante os seus interesses commerciaes.

Evidentemente, um commercio desses é funesto e deve ser combatido, como se combatem epidemias prejudiciaes á população.

Foi o que fez, em boa hora, a lei municipal que regulou o negocio de discos. E' necessario, agora, que o illustre Prefeito Municipal, a quem a cidade já tanto deve, não esmoreça ante a teimosia com que os interessados insistem em querer revogar essa lei. E' preciso resistir, para que o bom gosto artistico carioca lhe fique a dever esse golpe decisivo na inconsciencia de todos aquelles que queriam, a todo tranze, exterminal-o.

No que diz respeito ás sociedades de radio, a situação não pôde, igualmente, continuar como está. As sociedades de radio vivem, muito naturalmente, a solicitar socios para augmentar as suas rendas. Entretanto, conhecemos numerosos possuidores de aparelhos receptores que, em absoluto, não atenderão jamais a esse appello, porque não querem concorrer, de fôrma alguma, para que a situação permaneça no que está ou se aggrave.

A esse proposito, dizia-nos agora um amator de radio:

— Quando comprei o meu aparelho, embalado pelos reclames das nossas sociedades de radio, foi para ouvir musica, em primeiro logar, literatura, noticias de



Senhorita Genny Bebuá uma das mais queridas interpretes de canções regionaes brasileiras

:: Musica ::

interesse geral e até mesmo os nossos espectaculos e jogos de foot-ball. A primeira decepção que tive foi com os espectaculos das Companhias lyricas, verificando que só eram irradiados como esmola, uma vez por outra. Depois, a minha irritação cresceu de vulto, quando me convenci que o interesse dos reclames irradiados estava acima de quaesquer outros, tornando-se cada vez mais irritantes os poucos momentos que eu dispunha para ouvir musica. Depois... a avalanche de musica popular, a innudação dos tangos argentinos, dos fox-trots e dos sambas, como uma desgraça inevitavel, a toda hora, a todo minuto, todos os dias, em todas as irradiações! Dentro em muito pouco tempo, verifiquei que o radio, aqui no Rio, era um "bluff"! Comprei o meu aparelho para ouvir musica boa e não para ouvir reclames! Ao invés disso, o que me dão é musica popular e reclames commerciaes, horivelmente berrados pelos "speakers". Ainda se soubessem organizar as programmas, abedecendo a um pouquinho de criterio, comprehendendo-se. A musica popular tem os seus admiradores, aos quaes é necessario contentar. Mas as sociedades esquecem-se de que ha os apreciadores da boa musica, os quaes

devem ser tambem contemplados. São os amadores de elite, que não se conformam com o que lhes prometteram e o que lhes dão. A falta de criterio artistico dos organizadores dos programmas de discos não tem limites. Irradiam uma peça classica de piano entre dois sambas carnavalescos! Um poema symphonico entre dois fox-trots! Um numero romantico ou moderno de canto, entre dois tangos argentinos! Um bello côro ou um trecho de opera, entre dois maxixes! E' uma loucura, uma insensatez, um disparate, uma falta de respeito para com os autores e para com os bons ouvintes! Já se tem chegado ao cumulo de dizer um ou dois reclames de sabonetes ou de remedios contra males intestinaes, ao virar um disco em que se executam peças de musica classica ou romantica. Deixe que lhe diga, isso chega a ser um desaforo! E depois disso, as sociedades continuam a pedir socios! Ninguém se inscreve, é claro! Já que os programmas têm de ser, em sua maioria, esses, que ao menos sejam de graça! Quanto aos reclames é preciso que os commerciantes saibam que estão inutilmente esbanjando o seu dinheiro. Ninguém ouve os reclames! Quando o "speaker" começa a irradiar-os, os amadores, sem excepção, mudam, correndo, de estação! Ninguém ouve! E' um dinheiro posto fóra. Isso é o que os annunciantes precisam saber, para a sua defesa! Todas essas reflexões ahi feitas são as mesmas de todos os possuidores de radio. Portanto, tudo indica que as sociedades mudem de rumo. Ellas se mantem á custa do reclamo. Se não souberem conquistar socios, terão de desaparecer, porque o reclamo acabará, desde que o annunciante verifique a sua inutilidade. Para angariar socios, só organizando, com outro descortínio artistico, os programmas de discos. O que se faz actualmente é um absurdo! Se não corrigir, a debacle será inevitavel! Afinal, o remedio é facil: um accordo intelligente entre as nossas sociedades.

Organização de programmas bem orientados: musica classica, romantica, moderna e contemporanea. Operas, musica ligeira, musica popular. Ha discos de tudo isso. A sua escolha é uma questão de criterio, de bom gosto e de competencia, uma questão tambem de accordo com os commerciantes e importadores de discos. E os programmas do studio, organizados com os nossos elementos que tambem não comecem tão tarde, porque, actualmente, ninguém quasi os ouve da 2ª parte em diante. Vamos ver se algum fruto produzirão estas linhas. Estamos dispostos a insistir no assumpto, na certeza de que trabalhamos pelo nosso bom renome artistico.

16 VOCÊ acha que continuaremos na preocupação de emagrecer?

— Evidentemente. Se os vestidos curtos e cintura nos quadris obrigavam a esbelteza, que, muitas, têm obtido pela fome, os compridos e cintura no lugar ainda com mais razão exigem a linha fina.

— E cintura fina em quadris pouco desenvolvidos impressionam bem?

— Não generalize. Podem impressionar bem e impressionar mal. Há gosto para tudo e de tudo para todos os gostos. Não se esqueça também que há sempre um chinelo velho para um pé doente.

— Neste caso andemos cada uma se-



corpo. A preocupação actual é obter corpo flexível por meio de exercícios, da natção, dos jogos de sport que forcem a marcha e multipliquem os movimentos. Ha, na-

turalmente, outros processos como o do banho de luz. Em Paris ha um instituto que os substitue pelos banhos de parafina.

— Como?

— Depois de estendida a camada de parafina enrolam o paciente, — no caso é melhor dizermos: a paciente — em papel oleoso e cobertores durante meia hora. Suador de primeira ordem, talvez melhor que a herva siddreia e o aconito com que as nossas avós curavam resfriados. Depois a ducha fria, e depois, segundo o afamado medico, "on se retrouve amincie et animée d'une glorieuse vitalité". Vê? Só não serve ao emmagrecimento, também activa a vitalidade, que, também como percebeu, é gloriosa...



gundo o proprio ponto de vista ou o de quem queremos agradar.

— Não resta duvida. Mas o nosso ponto de vista, que, no caso, não é senão o da esthetica physica e das roupas que nos vestem ou nos despem, como queira, deve combinar, de certo modo, com o ponto de vista geral. Se as mulheres magras estão na moda, não creia que as gordas estejam satisfeitas, e ellas nunca estão na moda, apesar do supplicio das cintas, embora differentes dos espartilhos antigos, mas, ainda assim, castigam bem o



— E os vestidos encurtaram mesmo?

— Um pouco, de dia, para a rua, questão de tres ou quatro centímetros. A' tarde, porém, cresceram de mais quatro ou cinco centímetros nas pontas, bem entendido. Estes chamam-se vestidos para as seis horas. Para que

note a dissemelhança entre os de rua e os de visita estampo, aqui, de uns e de outros. Dos primeiros: "ensemble" de lã fina azul-cinza, tiras abotoadas por botões de madeira preta, cinto de pelica preta e babado fran-

zido; vestido de setim preto incrustado de setim branco. Costas do mesmo vestido: saia aberta sobre setim branco; vestido de setim "beije" guarnecido de bainhas abertas em "cordonnet"; vestido de veludo musselina cinza prata enfeitado de pregas como recortes; frente e costa de um vestido de crêpe preto e pala branca; saia de "tweed" preto e cinza e blusa de crêpe da China cinza guarnecida de preto.

Vestidos para a tarde: musselina de seda estampada recortada em diagonal sobre musselina lisa; crêpe setim dourado formando "drapé"; taffetas preto; crêpe "chiffon" preto, saia em babados; crêpe da China verde escuro, babados plissados fingindo bolero, guarnecendo as mangas e a orla da saia; crêpe setim havana; "moiré" para um vestido bem generoso antigo; crêpe setim branco, lado fosco e lado brilhante combinados artisticamente nos "godets" da saia e na gravata; renda preta para um feitiço que afina muito. Mais dois modelos que demonstram a preferência pelos franzidos.

Tecidos de primeira ordem e tintos pela tinta que se não descolora: Indanthren.

Perfumes: de A. Doré

SORCÈRE





Luly Ferraz e Roberto Repeto, no medalhão. A' direita, Senhora Zenobio Couto. Em baixo, Alba Maria Jordão Arruda, filha do nosso collega Ivo Arruda.



DO

TEM-

PO

DO

C

A

R

N

A

V

A

L

Historia

da

Musica

pela

Senhora

Schumann

Heink



a) — Os sons melodiosos da Natureza combinados para produzir effeitos orchestraes suggeriram ao homem primitivo as primeiras idéas de musica. O augmento e a diminuição das vozes dos ventos nas arvores e nas florestas fizeram com que elle dancasse e creasse musica pessoal.

b) — O murmurio das grandes quedas d'agua devorava ter suggerido alguns dos proprios rythmos da Natureza ao selvagem attento. Estes rythmos passaram para o seu espirito subconsciente e mais tarde se transformaram em parte dos seus sonhos. Estimularam a imaginação e o seu instincto no sentido de crear obras de arte.

c) — A encantadora musica dos passaros inda mais de perto impressionou o homem primitivo. Ouviu, encantado. Finalmente, começou a imitar as bellas modulações das varias vozes dos passaros e ficou maravilhado com a maneira por que se igualava com ellas. Em seguida, elle creou sons que imitavam os passaros.

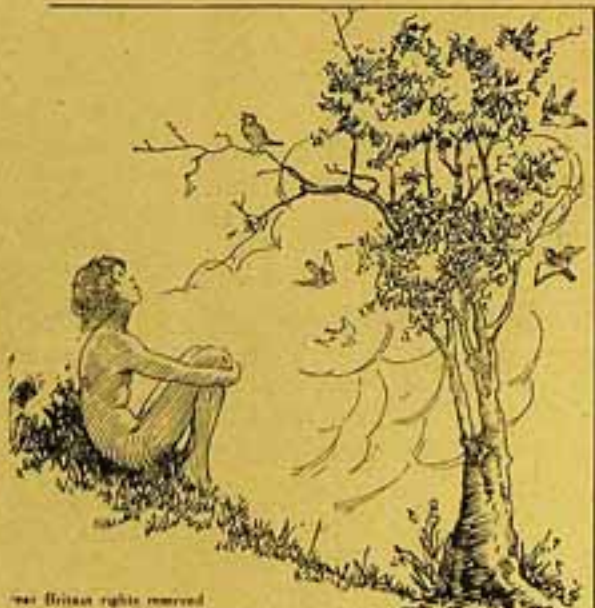
d) — Um dos mais antigos instrumentos musicaes foi a flauta feita de bambu, usada pelos pastores da Arcadia na antiga Grecia. A figura representa um joven deus chamado Pan, o que foi um dos que primeiro usaram da flauta agreste.

a) — A mais primitiva flauta, começou com um tubo só, chegando depois a um ottavo ou mais. Pequenos bambus ócos constituiram a base do instrumento. Por este meio, o homem conseguiu combinar os sons mais complicados.

b) — Gritos musicaes, na opinião de muitos sabios, antecederam a palavra, como existem entre os passaros e animaes, que de outra maneira não podem exprimir o que sentem. Assim os gritos de amor de outros tempos tinham notas estranhas, impressionantes que levavam uma mensagem através das montanhas a outra pessoa apaixonada.

c) — Da mesma forma que o grito de amor, o grito de guerra tinha os seus tons proprios e intervallos, que eram calculados para aterrozar o inimigo. O grito de guerra e o grito de luta transformaram-se na cantiga de guerra, forma mais complicada e uma das primitivas creadas pelo homem.

d) — A cantiga funerario ou de morte começou de espaço em espaço de lamentação recitativa, que se transformava de espaço em espaço em uma especie de oração ou expressão musical de tributo á memoria do morto. As marchas fúnebres dos nossos dias tem muito da melancolia dos nossos antepassados.



a) — Acredita-se que os povos selvagens podendo chuva crearam uma especie de canto que foi precursor dos hymnos de supplicação. Estes cantos, ás vezes, duravam dias inteiros, até que uma nuvem apparecesse no céu.

b) — A musica teve algum desenvolvimento durante a época da civilização gréga. No seculo VI, antes de Christo, havia provas entre tocadores de lyra nos jogos pythicos realizados pelos gregos em honra de Appollo em Delphos.

c) — Mais tarde appareceu a combinação de harpas com flautas e vozes. Os tres instrumentos eram muitas vezes usadas na oração que se fazia diante das imagens dos deuses dos tempos antigos. Mas, como se pode imaginar, muito poucas eram as notas que se tinham antigamente.

d) — Canticos antigos, e especialmente cantando as façanhas dos heróes, eram as vozes entoadas ao som da harpa. A proporção que se foram ampliando os instrumentos, o elemento musical cresceu de importância. Mas ainda não era musica.

a) — A Italia deu o maior compositor dos primitivos tempos. O seu nome era Palestrina, e nasceu em 1526. Com elle começa a verdadeira musica. Os seus motetos e "massas" são ainda cantados pelo famoso Coro do Vaticano, em Roma.

b) — No tempo de infancia, Palestrina, cantava nas ruas de Roma, como um verdadeiro vagabundo. Um dia a sua voz suave attrahiu a attenção do director musical da igreja da Santa Maria Maggiore, que lhe deu a sorte de cantar no coro.

c) — Palestrina aperfeiçoou e creou a musica sacra. Viveu durante o reinado de dous papas, dedicando musica a todos elles. Recebeu altas honrarias da Igreja e é o autor de muitas reformas nas composições religiosas.

d) — Para celebrar o decimo jubileu do famoso Papa Gregorio, em 1575, Palestrina dirigiu um corpo de 1.500 cantores, incluindo mulheres vestidas como anjos, e sacerdotes, pelas ruas de Roma, que foram todas enfeitadas para essa data.

Continúa

no

sabado

que

vem

OS DRAMAS DA

ALGUMAS HORAS, COMO ENFERMEIRO, JUNTO A' CABECEIRA DO LEITO

Duas creancinhas que estiveram presas — A tragedia de uma esposa abandonada — Trazibulo — Um velhinho de alma bôa — "Parece que vou morrer!" — Uma entrevista

por Walter

OS DOIS ANJINHOS DA PRISÃO

D Maria Bastos está muito doente — diz-me pelo telephone o doutor Lopes Ferreira. Talvez não lhe possa falar.

A enfermidade de D. Maria Bastos causa-me uma impressão forte. Lembro-me dos seus dois filhinhos. Que seria dos pequenos sem a mãe, se é ella quem trabalha para os seus queridinhos?

Quando a viuva do pharmaceutico Trazibulo esteve na Casa de Detenção, as creancinhas tambem ficaram presas. Ella se quiz ao seu lado. Toda a sua vida é para os dois filhinhos.

— A doença offerece perigo, doutor?

— Sim. E' bem grave o estado de D. Maria. Em todo o caso, venha.

O medico assistente da enferma permittiu-me que fosse visitá-la.

Eu ia entrevistar uma senhora que o Tribunal do Jury absolveu ha um anno. Ha um anno, portanto, que não se falava em D. Maria Bastos. (Os jornaes só consideram sensacionais os factos que explodem na rua, na policia e na justiça).

A TRAGEDIA DE UMA ESPOSA ABANDONADA

Na rua São Christovam n. 521 ha uma pharmacia modesta, com tres portas de frente. E' no sobrado que reside D. Maria Bastos.

A pharmacia era de Trazibulo.

Elle morou tambem no sobrado, mas com uma mulher que não era a sua esposa.

D. Maria, ha dois annos, vivia com os filhinhos nos fundos de uma cocheira. Os tres passavam fome.

O marido sustentava apenas a amante. Nada faltava á mulher intrusa.

Uma noite, D. Maria, enquanto os filhinhos choravam de fome, sabiu do barracão e dirigiu-se para a cidade.

Pensou na miseria em que se via. Trazibulo gastara todo o dinheiro que ella trouxera do lar paterno. Depois, abandonára-a por outra mulher.

A esposa vivia na cocheira. A amante assenhoreára-se do lar.

D. Maria procurou o marido. Elle não estava em casa. Tinha ido a um cinema com a amante.

Era assim. Trazibulo gastava em diversões. D. Maria e os filhos não tinham o que comer.

Naquella noite, deu-se um crime defronte a um dos cinemas do quarteirão Serrador. D. Maria assassinou o esposo e feriu a mulher que se installára no seu lar.

NORMA E RUBIO

Minha mãe está doente — diz-me a menina Norma, uma pequena de quatro annos.

— Eu já sabia, queridinha.

Se o medico assistente não me tivesse feito a revelação pelo telephone, eu tambem já saberia. Bastava ter olhado para Norma e seu irmãozinho Rubio, um menino de tres annos incompletos. Elles estavam sentados na soleira de uma das portas da pharmacia. Tinham os pés descalços, as vestes sujas, o rosto negro, os cabellos

desgrenhados. Senti que lhes faltavam os carinhos de mãe.

Rubio abraça-me uma das pernas.

— Não goste delle — recommenda-me Norma. Rubio quebrou a minha boneca de louça.

Emquanto me annunciam á D. Maria Bastos, sento-me num dos bancos da pharmacia.

Norma e Rubio pulam-me ao cõllo.

— Você tambem é medico? — pergunta-me a pequena. Eu não gosto dos medicos!

— Por que, belleza?

— Elles são máos. Não querem que eu durma na cama de mamãe.

— Os medicos são feios! — exclama Rubio.

Norma puxa-me pela mão para o interior da pharmacia.

Aponta-me as prateleiras cheias de vidros bojudos. E pede-me:

— Faça um remedio para a mamãezinha ficar boa. Ha tanto tempo que ella está na cama! Nunca mais deu banho na gente! Mamãe nem pôde pentear o nosso cabelo!

JUNTO AO LEITO DA ENFERMA

Não faça barulho — sussurra-me ao ouvido o doutor Lopes Ferreira. Entre na ponta dos pés e sente-se ali naquella cadeira.

O medico assistente sáe para attender a um cliente. Eu fico a sós com a doente no sobrado.

Sento-me na cadeira indicada D.

Maria Bastos não sabe da minha presença. Ella tem os olhos cerrados.

Morena, joven, os cabellos negros caídos sobre a almofada branca, parece sonhar. Mas deve ser um sonho máo, porque as linhas do rosto têm contrações de dor.

Os labios resequidos e descorados

deixam ver uns dentes brancos e perfeltos. E' a febre e a sede que os repuxam. Mas dão-me a impressão de que a enferma sorri.

Tomo nas mãos um thermometro que está sobre a mesinha de cabeceira, entre muitos vidros de remedio. A columna de mercurio marca 38 graus.



LEITURA PARA TODOS

O MELHOR MAGAZINE MENSAL EDITADO EM LINGUA PORTUGUEZA.

ALMA FEMININA

ONDE D. MARIA BASTOS SOFFRE HORRIVELMENTE HA DOIS MEZES.

quenos que têm e não têm mãe — O grande soffrimento da viuva do pharmaceutico
necida aos 39 grãos de febre — O sonido de uma corda de violão.

P r e s t e s

Os braços de D. Maria estão desco-
bertos. Vejo-lhes a magreza.

Sobre o ventre da enferma ha um
sacco com gelo.

— Ai!

Não é um gemido que eu ouço. Essa
expressão são dos labios da doente
como um sopro fraquissimo.

D. Maria Bastos está ha dois mezes
na cama. Não tem força nem para
gemer.

— Dê-me agua — pede, entreabrin-
do os olhos.

A voz são apenas dos labios. E' um
murmurio dorido.

Os olhos da enferma interrogam-
me. Perguntam quem sou eu.

Digo-lhe o nome. Ella não se sur-
prehende com a minha visita.

Dou-lhe agua mineral num calice
graduado de laboratorio.

D. Maria Bastos ergue as mãos. Faz-
me s'gnal para approximar-me.

Colloco o ouvido a meo palmo dos
labios da doente.

— Estou quasi só nesta casa —
murmura. Minha irmã e uma amiga,
que podiam cuidar-me, estão doentes
tambem.

Emmudecem os labios. D. Maria cer-

ra os olhos. A respiração accelera-se.

Depois, ella aponta-me um frasco de
remedio. Sirvo-lhe uma colher do li-
quido.

— Ha dois mezes que estou neste
estado — prosegue o sopro levissimo.
Dia a dia, vão se vencendo as duplica-
tas da pharmaia e eu não posso er-
guer-me desta cama! Sinto que vou
ficar na ruina. Só as dividas do meu
marido sobem a quarenta e cinco con-
tos! A casa não tem movimento. Era
uma pharmaia desmoralizada, onde o
publico nunca encontrava os remedios
desejados.

U M V E L H I N H O D E A L M A B O A

D epois que sahira da prisão, a viuva
tomou conta da pharmaia. Tu-
do jazia no maior abandono.
Ella começou lavando a casa, num
trabalho incompativel com as suas for-
ças. Depois, tratou de adquirir drogas.
Comprou-as a credito. Assignava du-
plicatas.

Os labios da enferma abrem-se
mais. Ella devia estar sorrindo.

— Mas ha um homem que nunca me
deixou assignar documentos de divida.
Que alma boa a daquella velhinho
Granado!

— A senhora pôde levar as merca-
dorias — disse-lhe o proprietario da
grande drogaria que tem o seu nome.
Não quero duplicatas suas. Pague-me
quando puder.

D. Maria torna a cerrar as palpe-
bras. Agita-se no leito. Pede mais
agua.

— Viu os meus filhinhos? — per-
gunta-me. Coitados! Parecem crean-
ças sem mãe. Nada posso fazer por
elles. Se eu morrer, ficam na maior
miseria.

Nada respondo á pobre mãe. Os seus
olhos enchem-se de lagrimas.

— Ai!

D. Maria diz-me que sente uma
grande fraqueza. Pede-me que lhe
obtenha um caldo alimenticio.

— Parece que vou morrer!

Ella abre desmedidamente os olhos.
Que estaria vendo a enferma nas ta-
boas do tecto?

Depois, D. Maria indica-me o ther-
mometro. Applico-o na doente. A co-
columna sobe a 39 grãos.

— Dê-me alguma cousa para tomar
— sussurra-me ao ouvido.

Desço á cozinha. Está deserta. O
prático da pharmaia communica-me

que a empregada foi á rua fazer com-
pras.

Volto ao quarto da enferma.

— Já vem o caldo, D. Maria. Tenha
um pouquinho de paciencia.

Meia hora depois, a empregada traz
uma chicara com uma substancia
branca.

— Só agora, menina?! — queixa-
se D. Maria Bastos. Faz tanto tempo
que eu te pedi!

A doente abre a bocca para receber
a primeira colher com o alimento. Faz
um grande esforço para engulir o li-
quido.

— Está bom? — pergunta a ser-
vente.

D. Maria deixa escapar um sopro
desalentado. O alimento devia causar-
lhe repugnancia. Abandona-se desani-
madamente sobre a almofada. Cerra os
olhos. Parece dormir.

U M G E M I D O D E H O M E M

E ston a sós novamente com a viu-
va de Trazibulo. Contemplo o
seu somno agitado. Nada dese-
jo de D. Maria, senão servil-a. Sou
simplesmente um enfermeiro sentado á
sua cabeceira. Esqueço-me de que fui
ali fazer reportagem.

O sol declina e o quarto faz em meia
sombra. Não se ouve nenhum ruido
em toda a casa.

Santa Therezinha de Jesus, pregada
na parede, parece olhar compassiva-
mente para a doente que dorme.

Ai! — murmura D. Maria. Que
foi?

Era o sonido de uma corda grave
de violão. Vinha do pavimento terreo.

— Que foi?

— Um bordão de violão — explico,
Quando estive lá em baixo, sua filhi-

nha queria que eu lhe desse o instru-
mento que estava dependurado na pa-
rede.

Ouve-se novo som.

— Era o violão de Trazibulo — diz-
me a enferma.

Ella estremece. Aquelle som parecia
um gemido de homem na casa silen-
ciosa e sombria.



CINEARTE

Todas ás quartas-feiras as mais palpi-
tantes novidades cinematographicas.



UMA VISITA AO MAESTRO COM.^{DOR} HANS EDGARD OBERSTETTER AUTOR DO "HYMNO SPORTIVO BRASILEIRO" COMPOSTO PARA OS VERSOS DE BASTOS TIGRE

Tínhamos ouvido falar no Hymno Sportivo Brasileiro e havíamos lido, mesmo, seus versos heróicos escriptos pelo poeta Bastos Tigre.

Desejavamos ouvir a musica que para os mesmos versos o maestro allemão Commendador Hans Oberstetter havia composto.

Um amigo commum, o estimavel senhor Bormann, se promptificou a fazer a apresentação e com prazer nos levou a residência do maestro, em Santa Thereza.

E' de pura arte o ambiente que se respira na sala de visitas do illustre artista. Pelas paredes centenas de re-

Brasileiro, que ainda não foi editado. Desde os primeiros compassos fortes em mi bemol, numa sequencia de qualiteras até os ultimos accordes é intensa a vibração de toda a pagina musical. Ha phrases verdadeiramente inspiradas, chelas de enthusiasmos, de assomos de energia varonil, como muito bem dizem os versos que foram magistralmente interpretados.

O trecho para ser cantado a solo é de uma bella melodia em que os intervallos de 5ª e 6ª dos primeiros compassos dão bem a idéa da ansia da victoria dos que se batem no campo sportivo.

I

Companheiros! Corramos á lucta
Sem temor!
De alma firme, tenaz, resoluta,
Com valor!

Sus! Devemos mostrar
No gesto e no olhar
Ardor varonil
E saber
Ganhar ou perder
Com um riso gentil.

E' a victoria
Illusoria
Si é vaidosa,
Desenhosa
Do rival;
Firma a gloria
Da victoria
Um abraço fraternal,
Leal.

Que na victoria haja nobreza e fidalguia
E na derrota elegancia e distincção!
Juventude em nossa alma a bondade
irradia
O rival é um amigo e um irmão.

Hurrah!
Hurrah!
Hurrah!

(Refrain)

De nada vale fragil musculo
Para a Patria futura edificar
Alegre raça forte, lépida
Ao Brasil, no porvir, devemos dar.

II

Ao ar livre busquemos saude,
Robustez!
O homem são no combate mais rude
Vale por tres.

Ela! O esforço tenaz
De tudo é capaz
No embate febril!
Vamos lutar,
Perder ou ganhar
Com um riso gentil.

Força e calma!
Fogo n'alma,
Disciplina, destemor, animação!
Mas a lida
Decidida,
Cada mão aperte mão
De irmão!

Haja esperanza no amanhã «a luz
da gloria
Fugiu de nós e o campo adverso illu-
minou;
Mas o orgulho não manche os trophéus
da victória
Do heróe que na lucta triumphou.

Hurrah!
Hurrah!
Hurrah!

(Refrain)

De nada vale fragil musculo, etc.



O maestro Edgar Oberstetter falando a um dos nossos companheiros

tratos dos grandes mestres da musica com preciosos autographos e captivantes dedicatorias. Vêem-se ali photographias autographadas de Ricardo e João Strauss, de Puccini, de Franz Lehar, de Debussy, de Wilhelm Krienzl, etc.

Ao fundo um magnifico busto do maestro feito por um dos mais queridos discipulos do grande Rodin. A um canto um magnifico Bechestein, offerta da celebre fabrica de pianos.

Corôas de louros, musicas sobre estantes, programmas de concertos e retratos do maestro representando diversos personagens de operas no tempo em que elle foi primeiro barytono de grandes companhias lyricas e que cantou em Wiesbaden, no Convent Garden, no Metropolitan, no Theatro Colón e quasi todas as capitães europeas e americanas.

Apresentados que fomos ao insigne artista, dissemos-lhe o fim da nossa visita, tendo elle gentilmente acquiescido ao desejo que lhe manifestamos de ouvir a musica do Hymno Sportivo

Terminada a execução, não podemos reprimir as palmas espontaneas com que applaudimos o autor do empolgante hymno.

Antes de nos retirarmos, o maestro Oberstetter ainda nos deliciou os ouvidos executando diversas composições suas e para cumulo de gentileza nos obsequiou com o exemplar de um lindo romance para canto e piano, autographado com uma captivante dedicatória.

O tempo corria veloz naquella suave ambiente de arte e si as primeiras sombras da noite não nos advertissimos do adeantado da hora, ainda ali ficaríamos alhelos ao que se passava cá fóra.

Agradecemos ao maestro Oberstetter a amabilidade com que nos acolheu e sahimos promettendo voltar, a seu pedido.

Publicamos em seguida os versos do hymno sportivo:

PARA AFORMOSEAR E FAZER CRESCER O CABELLO

Os sabões e os shampoos artificiaes causam a ruína em muitas cabeças de preciosas cabellereiras. Poucas pessoas sabem que uma colherinha das de café, cheia de stallax diluído em uma xícara de agua quente, exerce uma natural affinidade sobre o cabello e constitue a lavagem de cabeça mais deliciosa que se possa imaginar. Deixa o cabello brilhante, suave e ondulado, limpa completamente a pelle do cranio, e estimula, sobremaneira, o crescimento do cabello. Vende-se nas farmacias, somente em pacotes, sellados, a um preço que não é elevado, porque cada pacote contém quantidade sufficiente para fazer de vinte e cinco a trinta shampoos, o que finalmente, resulta economico.

NO INSTITUTO DE MUSICA

A. P. B.

Se eu quizesse quasi revelar o nome desta collega, dir-a que ella, no sobrenome, é um pequeno bicho repugnante e caseiro, que resiste até aos ataques do pó azul... E' um bichinho terrível do qual quasi todas as mulheres tem medo. Quando se sabe que ha "uma" no quarto, não se dorme, enquanto o chinello não lhe dá cabo da vida... Assim, desde que todas as moças têm medo "dellas", pôde-se revelar o nome desta collega, dizendo que ella tem medo de si mesma...

O seu maior sonho era conquistar a medalha de ouro, que, em 1928, passou por muito longe della. O anno passado, porém, como uma bella compensação, ella arrancou o Primeiro Premio, apesar do voto contrario das senhoras Kyta Gusmão e Wanda Ferreira, que fizeram parte do jury.

Dizem que o seu autor predilecto é Chopin, e isso porque ella o considera o musico que melhor se casa com o seu temperamento. E' que a A. é uma creaturinha um pouco triste, um pouco antiga e pensa que Chopin se interpreta com pleguece...

Não admira, porém, que ella assim pense, porque da mesma forma entendem muita gente boa...

Se o "temperamento artistico" da A. é isso, o genio é mais ou menos a mesma coisa. Parece que ella dá a vida para não se encommodar. Conta-se que ella não fez concurso antes, porque não queria ter motivos para se aborrecer com a banca examinadora.

A A., como quasi todas as minhas collegas, tem alguns casos interessantes, geralmente incluídos entre as revelações das "creanças terríveis"... O diffiell, aliás, não é ter-se esses casos, mas sem conhecer-se...

Por acaso eu vim a saber deste, que se passou com a A., quando tinha 8 annos.

Certa vez, a mamãe da A. experimentava um undo par de sapatos, que havia mudado fazer. E dizia, então, a A.:

— Olha, minha filha, que lindos sapatos Lela XV!

— E' mesmo, mamão.

— Pena que ficassem um pouco apertados.

— E por que não manda fazer outros, um ponto maior? Por exemplo, Luiz XVI?

Tão boazinha, a A.!

I. A. B.

Aqui têm os meus leitores uma das creaturas mais medrosas que o sol cobre. A I. tem medo de tudo: de tiro, de barata, de trovoadas, de gatuno, enfim, se eu fosse enumerar não acabaria nunca.

O medo nella é um facto! E um facto curioso porque, por causa delle muito boas já lhe têm acontecido na vida.

E' sabido que toda creatura medrosa está sempre prompta para fugir "no momento do perigo"... Por isso costumam os medrosos perguntar:

— Pernas, para que vos quero?

Para correr, está claro.

As pernas, aliás, têm uma grande influencia na vida da I. E tanto assim que, quando ella é apresentada a qualquer pessoa "a senhorita I. A. B.", todo mundo, a primeira coisa que faz

Leiam
ESPELHO DE LOJA
de
ALBA DE MELLO
nas livrarias

é olhar para as pernas della, a ver se são bonitas...

Em materia de medo, ella bateu o "record" no Instituto. Ainda no concurso de piano, o anno passado, deu provas disso. O medo foi mais forte e... ella deixou-se ficar em casa.

Ella é uma dessas pianistas "para uso interno", isto é, só para tocar no piano della e em casa della. Porque qualquer pessoa que queira ouvir-a tocar, produz-lhe uma tal impressão de pavor, que ella ataba por não acertar com o teclado...

Quando troveja, dizem que ella costuma esconder-se no porão de sua casa rezando. Por causa de uma barata, é capaz das maiores loucuras! Mas a ultima que della se conta a proposito de medo, parece que não encontra rival, nem mesmo no outro mundo.

CREANÇAS, SYPHILIS
PEREBAS
RACHITISMO

?

LACTARGYL

VIDRO - 65000

LAB. NUTROTHERAPICO-RIO

A I. apanhou uma dessas dôres de dentes de deixar a gente doida! Recorreu inutilmente a quanto pallativos lhe ensinaram, sem nenhum allivio. O medo que ella tem de dentista é tal, que preferiu soffrer dois dias e tres noites desesperadamente. No terceiro dia, entretanto, depois de uma luta medonha da familia, ella resolveu ir ao dentista. Foi renegando, mas foi. A dôr era mais forte do que o medo! Era depois do jantar e o dentista foi o primeiro que conheciã, na vizinhança. Quando ella chegou ao portão da casa do dentista, chorava de dôr e de medo, ao mesmo tempo. Bateu. A crenda veio attender e informou muito naturalmente:

— Não está, não senhora!

A I. parece que não queria outra resposta. E, num desabafo, fitando a crenda, com as lagrimas a lhe cahirem pelo rosto, disse:

— Graças a Deus!

A I., como se vê prefere uma dôr de dentes, a um dentista...



Lembrança do baile realizado na residência do Major Octaviano Gonçalves

Clinica Medica de "Para todos..."

O EMPREGO DO OLEO DE FIGADO DE BACALHAU

A antiga pharmacotherap'ia consagrada ao uso do oleo de figado de bacalhau, — simplesmente ou associado a outros medicamentos, prescripto em natureza ou preferido sob a forma de emulsão — para combater denodadamente a diathese escrofulosa, as varias outras manifestações do lymphatismo e os estados consumptivos, entre os quaes avultavam as nefastas distrophias que sempre acompanham a marcha da tuberculose.

A moderna therapeutica sem contestar o valor que se attribua ao oleo de figado de bacalhau, seguiu, entretanto, directriz muito mais logica, procurando aquilatar exactamente esse valor e descobrir onde elle, em verdade, existe.

Actualmente é premissa fóra de controversia affirmar que o oleo de figado de bacalhau não deve suas propriedades medicamentosas aos puros elementos gordurosos que apresenta e sim aos principios activos, nelle dissolvidos, em notavel percentagem.

A gordura nada tem de recommendavel, pois que, além de repugnar a quasi todos os paladares e de originar, pela propria constituição chimica, a intolerancia do estomago a seu respeito, se decompõe, no correr da digestão, em ácidos gordurosos de acção escaleficante, — inconveniente que exige sua formal contra-indicação, no tratamento de varias especies de tuberculose.

Dahi se infere que o maior defeito do oleo de figado de bacalhau é ser realmente um producto "gorduroso"!

Todavia a bio-chimica moderna corre pressurosamente em auxilio da therapeutica, extrahindo da glandula hepatica de volumosos bacalhaus uma numerosa serie de lipoides, — lecithinas phosphoradas, lipo-phosphatides, etc., e uma poderosa diastase ou fermento catalytico da cellula hepatica, substancia que, no oleo, se encontra dissolvida em pequena quantidade e que bem póde ser incluída entre os seus varios principios activos.

Os extractos de oleo de figado de bacalhau, isentos de gordura, preenchem todas as indicações therapeuticas, sem o minimo conflicto com o paladar e com a normalidade das funções digestivas.

CONSULTORIO

R. MARQUES (Poconé) — A menina deve usar: essencia de aniz 2 gottas, essencia de hortelã 3 gottas, chloroformio 6 gottas, oleo essencial de chenopodio 14 gottas, oleo de ricino 25 grammas, xarope de ameixas 25 grammas — para tomar de uma só vez e, pela manhã, em jejum. Obtido o effeito deste remedio, a menina usará diariamente, pela manhã, antes do pequeno almoço, um comprimido de "thy-



Senhoritas Dulce e Elvira de Paula, fantasiadas no Carnaval.



Maria de Lourdes Alfinito, filha do senhor M. Alfinito, fantasiada no baile infantil do Republica.

roidinas". Usará tambem: arrhenal 20 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glicerina 30 grammas, xarope de proto-iódureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sobremesa), depois do almoço e do jantar.

L. J. C. (Antonina) — Basta usar: gottas amargas de Beaumé 1 gramma, licor de Fowler 2 grammas, tintura de canella 3 grammas, tintura de gengiana 4 grammas, extracto fluido de yumbelhoa 5 grammas, extracto fluido de kola 15 grammas — vinte e cinco gottas, num calice d'agua assucarada, depois de cada refeição principal.

LAURA (Iguape) — Use: chlorhydro-sulfato de quinina 20 centigrammas, salol 40 centigrammas — em uma capsula, vindo 12 iguaes, para tomar tres, por dia. Faça, por semana, tres injeções intra-musculares, com o "Irol Churchill".

JANYRA (Santa Barbara) — Precisa de muito repouso, devendo se recolher o mais cedo possivel e dormir, pelo menos, durante oito horas ininterruptas. Depois de cada refeição principal use o "Triogene For". Faça, por semana, 3 injeções intra-musculares, com o "Cyto-Manganol Corbière".

D. G. (Boa Vista) — Internamente, use: tintura de belladonna 30 gottas, xarope de flores de laranjeira 20 grammas, infuso de salva 280 grammas — um pequeno calice, tres vezes por dia. Externamente lave, pela manhã e á noite, a região indicada, com agua morna e sabonete de alcatrão e, depois de enxugá-la, polvilhe-a, com esta mistura: acido salicylico 10 grammas amido 100 grammas.

MME. X (São Paulo) — Use, pela manhã e á noite, dois comprimidos ovaricos. Depois de cada refeição principal, tome 12 gottas de "Prosthénase Galbrun", num calice d'agua assucarada. Externamente, empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glicerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa), num irrigador cheio d'agua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

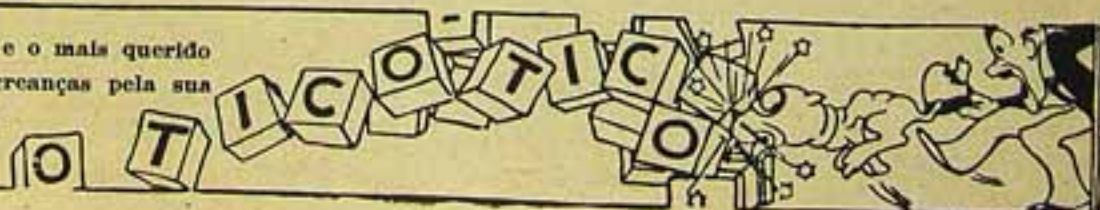
A. F. (Niteroy) — Si reaparecer a febre, use: cryogenina 25 centigrammas — em uma capsula, vindo 2 iguaes, para tomar uma pela manhã e outra á noite. Durante o dia, use: tintura de eucalypto 1 gramma, tintura de polygala 1 gramma, benzoato de ammonio 4 grammas, hydrolato de louro cereja 8 grammas, julepo gommoso, feito num infuso de capillaria 220 grammas — um pequeno calice, de quatro em quatro horas.

B. G. (Rio) — Faça, pela manhã e á noite, lavagens locais, empregando uma solução de argyrol a 20 por cento. Internamente use "Uraseptine".

DR. DURVAL DE BRITO



O mais popular e o mais querido
semanario das creanças pela sua
bem organizada
confeccão.



Remington

É hoje a machina de escrever que mais acceitação tem no mundo inteiro.

Uma resistencia insuperavel, accção rapida, o "toque natural" e trabalho nitido, são algumas das qualidades que fizeram a "Remington" conquistar a supremacia universal.

Peçam uma demonstração sem compromisso de compra á



Casa Pratt

Rua do Ouvidor, 123-125 Proço da Sé, 16-18
RIO DE JANEIRO S. PAULO



A machina que satisfaz

Filiaes ou Agencias em todos os Estados do Brasil

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado inumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

ANDREZA (Rio) — Sua letra demonstra delicadeza, finura, subtilidade, senso critico, um pouco de precipitação, actividade, teimosia, força de vontade.

EGOISTA (Porto Alegre) — Apesar do pseudonymo, não noto nenhum traço de egoismo na sua letra. Nas quatro linhas que escreveu não achei nenhum signal sialatrogyro, indicador de egoismo. Vejo enthusiasmo, alegria de viver, esperança, ambição. Talvez seja ciumenta, o que é um traço de egoismo.

EMARU' (Rio) — O estudo graphologico não pôde ser muito detalhado pela falta de espaço. Deve saber que sua letra grande indica imaginação viva, fantasia creadora, orgulho, generosidade, altas aspirações. Nota-se tambem impacencia, nervosismo, capricho, teimosia, além de excluir a natural bondade de que é dotada. É

franca, tambem, decidida, achando que o que faz está muito bem feito, jámais se arrependendo ou dando mostras disso, quando intimamente reconhece que não andou bem. Não é assim, Emaru? Escreva.

JOERO (?) — Dissimulação, calculo, desconfiança contensão de espirito revela logo sua letra ao primeiro exame. Vê-se além disso mobilidade, inconstancia, actividade às vezes excessiva para parecer muito trabalhador e diligente. Pequenas "fitas"...

CONFIANTE (Rio) — Foi bem es-

colhido seu pseudonymo, pois pela sua graphia se vê que é confiante, credula de mais. Tem ansia de confessar a alguém seus mais intimos pensamentos. Qualquer segredo lhe pesa na mente como chumbo... antes de o confiar... a alguém. É delicada, sensível, de amor proprio muito susceptível. Pelo seu nervosismo é impaciente, curiosa e se irrita quando não consegue satisfazer sua curiosidade. É tambem alegre, optimista, amando a vida pelo que ella tem de bom.

NELLY (São Paulo) — É tambem um espirito altamente curioso, jovial, cheio de ambição, de esperança e de iniciativa. Não tem, entretanto, esse desejo de se confessar a quem primeiro lhe queira ouvir as confidencias. É mais reservada nesse ponto. Tem espirito critico, satyrico e o traço com que firma seu nome de familia é indicativo de forte personalidade.

OSTENFELD (Bello Horizonte) — Já disse um pouco antes, que a falta de espaço não permite estudos detalhados. Posso, apenas, dizer ligeiramente que tem, com effeito, força de vontade, energia, firmeza de opiniões e de attitudes. É economico, sem ser avarento.

O horoscopo que pede das pessoas nascidas a 16 de Junho, é este: "Têm exaggerado orgulho do seu nome de familia, e como são exaggerados tambem em tudo, soffrerão do estomago pelos seus excessos á mesa. Gostam de viajar e têm vocação para a oratoria e para a medicina, nunca estando, porém, satisfeitos consigo mesmo, nem com os demais. Serão



Luiz Felipe, José Carlos e Maria de Lourdes, filhinhos do senhor Arnaldo Medeiros.

felizes no matrimonio e farão fortuna antes dos 40 annos.

NIROTE (Rio) — Temperamento extremamente sensível, poetico apaixonado. Amiga do luxo e do bem estar, assim como das longas viagens. Espirito fantasista, e, por isso, algumas vezes, pouco amiga da verdade, exaggerando "um pouco" suas narrativas de factos communs. Nem por isso deixa de ser amavel e muito querida pela sua irradiante sympathia e poder de atracção.

RONIGER (Rio) — Letra desigual; emotividade, sensibilidade, agitação, actividade. Sua assignatura com letra lastante differente daquella do corpo da carta indica que pensa uma coisa e diz outra, ou não diz aquillo que pensa. E' dissimulado, desconfiado, não "mostrando seu jogo"; ao contrario; encobrindo-o sempre.

A. NETTO (Rio) — O proximo numero de "Para todos..." está sempre prompto na machina de impressão, quando eu recebo cartas pedindo a resposta nesse proximo numero. Dahi, somente hoje lhe poder responder.

Sua graphia "graúda" significa grandes aspirações, orgulho, imaginação creadora, generosidade. Ha fortes indícios de sensualismo e o corte dos tt descendo da esquerda para a direita com forte accentuação mostram tenacidade feroz. E' franco, decidido, um tanto displicente, pouca importancia ligando ao juizo que possam fazer dos seus actos, desde que estes lhe agra-dem e lhe deixem em paz com a sua

S. A. "O MALHO"

S. PAULO

Para assignaturas, annuncios ou qualquer outro assumpto, procure nossa succursal:

Rua Senador Feijó, 27

8º ANDAR — SALAS 86 e 87

AONDE SERA' ATTENDIDO
COM A MAIOR SOLICITUDE

As nossas revistas, lidas desde os grandes centros aos logarejos mais remotos do Brasil, actuam em todas as classes sociaes.

Telephone: 2-1691

Dr. Adelmar Tavares

Advogado

RUA DA QUITANDA, 59

2º Andar

consciencia. Não é isto, "seu" Netto? O traço com que sublinha sua assignatura confirma tudo o que eu disse antes.

ESOJ (Rio) — Letra feminina com a agravante de ser unida indicando parcimonia, egoismo, avareza, reserva, timidez. Ha bastante nervosismo, quasi hysteria em certos traços. Pouco amor á verdade. Horror á responsabilidade dos seus actos. O traço complicado com que firma seu nome indica que gosta das situações embaraçosas da chicana, das complicações do "disse que disse"...

GRAPHOLOGO

Novidade

Sã MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTOES

PARA FUTURAS MAES

(Premio Mme. Durocher, da
Academia Nacional de Medicina)

Do Prof.

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10\$000

Livraria Pimenta de Mello & Cia.

Rua Sachet, 84 — Rio

Crème Simon

Uma massagem com o Creme Simon é tão agradável para o rosto como uma carícia. Não seca nem engordura, e pela sua perfeita untuosidade que penetra nos poros da pele,

O CREME SIMON

vivifica a epiderme, amacia-a e faz realçar o seu brilho natural.

MODO DE USAR. - Espalhai-o sobre a pele ainda humida, depois da toilette. Fazei-o penetrar nos poros por meio de uma leve massagem, secando-o depois com uma toalha. Ele tornará mais aderente o vosso pó...

o PÓ SIMON

PARIS



Cuide o cabelo, ou do contrario, elle tornar-se-á cada vez mais aspero e mais raro.

Com o uso regular do

Tricofero de Barry

conserval-o-eis formoso, abundante, e muito facil de pentear e compôr.

Antiseptico e refrescante

Unicos depositarios: Sociedade Anonyma Iamelro — Rio de Janeiro.

GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS

"O MALHO" — que é uma das mais antigas revistas nacionais — considerando o enorme successo que vem despertando entre os novos contistas brasileiros e o publico em geral, a literatura ligeira, de ficção ou realidade, cheia de interesse e emoção, resolveu abrir em suas paginas um GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS, só podendo a elle concorrer contistas nacionais e recompensando com premios em dinheiro os melhores trabalhos classificados.

Os originaes para este certamen, que poderão ser de qualquer dos generos — tragico, humoristico, dramatico ou sentimental — deverão preencher uma condição essencial: serem absolutamente inéditos e originaes do autor.

Assim procedendo, "O MALHO" tem a certeza de poder ainda mais concorrer para a diffusão dos trabalhos literarios de todos os escriptores da nova geração, como ainda incentivar os a maiores expansões para o futuro, offerecendo aos leitores, com a publicação desses contos, em suas paginas, o melhor passa-tempo nas horas de lazer.

CONDIÇÕES

O presente concurso se regerá nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao Grande Concurso de Contos Brasileiros de "O MALHO" todos e quaesquer trabalhos literarios de qualquer estylo ou qualquer escola.

2ª — Nenhum trabalho deverá conter mais de 10 tiras de papel almasso dactylographado.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado de papel e em letra legivel ou á machina em dois espacos.

4ª — Só poderão concorrer a este certamen contistas brasileiros, e os enredos, de preferencia, versarem sobre factos e coisas nacionaes, podendo, no emtanto, de passagem, citar-se factos estrangeiros.

5ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos que contenham em seu texto offensa á moral ou a qualquer pessoa do nosso meio politico ou social.

6ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymo, acompanhados de outro envelope fechado com a identidade do autor, tendo este segundo, escripto por fóra, o titulo do trabalho.

7ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade desta empresa, para a publicação em primeira mão, durante o prazo de dois annos.

8ª — É ponto essencial deste concurso, que os trabalhos sejam inéditos e originaes do autor.

PREMIOS

Serão distribuidos os seguintes premios aos trabalhos classificados:

1º lugar	Rs. 300\$000
2º lugar	Rs. 200\$000
3º lugar	Rs. 100\$000
4º, 5º e 6º collocados, cada..	Rs. 50\$000

Do 7º ao 15º collocados (Menção Honrosa) — Uma assignatura semestral de qualquer das publicações: "O Malho", "Para todos...", "Cinearte" ou "Tico-Tico".

Serão ainda publicados todos os outros trabalhos que a redacção julgar merecedores.

ENCERRAMENTO

O presente GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS será encerrado no dia 28 de Junho de 1930, para todo o Brasil, recebendo-se, no emtanto, até 3 dias depois dessa data, todos os originaes vindos do interior do paiz, pelo correio.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciamos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda a correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Para o "GRANDE CONCURSO DE CONTOS BRASILEIROS" — Redacção de "O MALHO" — Travessa do Ouvidor, 21 — Rio de Janeiro.



AS MAIS RECENTES CREAÇÕES DE

MOVEIS DE ARTE

ALTA NOVIDADE EM

TAPEÇARIAS FINAS

MARAVILHOSA VARIEDADE DE TECIDOS PARA

Decorações de Interiores

Projectos e orçamentos de instalações de
casas, apartamentos ou dependencias

Procure saber o nosso preço



65 -:- Rua da Carioca, 67 -:- Rio